

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA**

MAICON SAVIATO MEDEIROS

**TRANSFORMAÇÕES NAS TEMÁTICAS ARTÍSTICAS ENTRE IDADE
MÉDIA E RENASCIMENTO ITALIANO NA EUROPA OCIDENTAL**

**CRICIÚMA - SC
2014**

MAICON SAVIATO MEDEIROS

**TRANSFORMAÇÕES NAS TEMÁTICAS ARTÍSTICAS ENTRE IDADE
MÉDIA E RENASCIMENTO ITALIANO NA EUROPA OCIDENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciado no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. MSc Carlos dos Passos Paulo Matias.

CRICIÚMA - SC

2014

MAICON SAVIATO MEDEIROS

**TRANSFORMAÇÕES NAS TEMÁTICAS ARTÍSTICAS ENTRE IDADE
MÉDIA E RENASCIMENTO ITALIANO NA EUROPA OCIDENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Fundamentos da Arte.

Criciúma, 27 de novembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof^o Carlos dos Passos Paulo Matias – Mestre em História – (UNESC) – Orientador

Prof^o Alan Figueiredo Cichela – Especialista em Arte – (UNESC)

Prof^a Édina Baumer – Mestre em Educação – (UNESC)

Dedico este trabalho de conclusão de curso a todas as pessoas que colaboraram nesta pesquisa, aos que estiveram juntos comigo nesta caminhada nos últimos quatro anos que me permitiram chegar a este momento importante de minha vida, em que mais um ciclo se encerra e outro se inicia com a graduação em Artes Visuais licenciatura.

AGRADECIMENTOS

Muitos foram os desafios, dificuldades, superações, alegrias, tensões, bienais, palestras, viagens, aulas, amizades e aprendizagens nestes quatro anos ao realizar o curso de licenciatura em Artes Visuais. Ingressei no curso no último dia para o processo seletivo pela nota do SIM em fevereiro de 2011 e tinha muitas dúvidas se encarava uma nova graduação ou não, afinal, depois de ter feito História sabia bem o ritmo intenso que é fazer uma graduação.

Resolvi enfrentar mais quatro anos, agora com experiência, ciente dos desafios e alegrias que o conhecimento traz. Completo dez anos de estudos com graduações e pós na Unesc e um filme passa quando lembro quantas coisas vivi nesta instituição. Quantas pessoas conheci e o quanto me tornei mais humano e justo. Conquistei uma formação política e politização que devo muito a estes grandes momentos.

Os congressos da UNE, movimentos estudantis, protestos e tantos outros acontecimentos me fizeram um acadêmico que não viveu apenas as quatro paredes da sala de aula, mas o que uma universidade proporciona na sua plenitude para uma trajetória acadêmica como tive neste período.

Agradeço a família e aos amigos que me ajudaram a chegar até aqui. Meu muito obrigado ao curso de Artes Visuais, ao coordenador Marcelo, a adjunta Aurélia, a todos os professores que contribuíram em minha formação, a todas as secretárias que fizeram parte do departamento do curso, a Eliana que sempre me ajudou e a todos os amigos e colegas que conquistei nestes quatro anos em todos os cantos da Unesc.

Uma trajetória como esta não se faz sozinho, mas com ajuda e contribuição de vários setores e pessoas envolvidas. Da mesma forma que escrevi há sete anos quando me graduei em História, posso dizer que desta nova trajetória acadêmica em Artes Visuais sentirei saudades dos momentos marcantes, de tudo que vivi e não me arrependi.

Hoje vejo que fiz a escolha certa ao pensar em mais oportunidades de trabalho ampliando minhas chances dentro do magistério, pois não é a toa que estou trabalhando como professor de artes. Acima de tudo conquistei novas aprendizagens e o conhecimento necessário para iniciar um novo ciclo em minha vida a partir de 2015. Novos desafios virão e não poderei fugir deles.

“A pintura é uma poesia que se vê e não se sente, e a poesia é uma pintura que se sente e não se vê.”

Leonardo Da Vinci

RESUMO

Esta pesquisa se propõe a analisar as mudanças nas temáticas artísticas entre a Idade Média ao Renascimento e para o problema trago o seguinte questionamento: quais as principais características que podemos identificar em suas temáticas artísticas no que se refere ao ocidente europeu entre a Idade Média e Renascimento? A pesquisa inicia com a contextualização histórica e artística destes dois períodos e posteriormente trabalhará com as temáticas da arte na Idade Média e Renascimento. Tem como objetivo geral analisar as transformações das temáticas artísticas entre a Idade Média e Renascimento no Ocidente europeu em conjunto com as mudanças históricas. A metodologia do trabalho está ancorada na linha de pesquisa História da Arte com abordagem qualitativa e bibliográfica. Ao longo dos estudos sobre o tema percebe-se que as temáticas artísticas ao longo dos períodos históricos tiveram mudanças importantes que marcaram a arte, como as novas abordagens e artistas que surgiram entre a Idade Média e Renascimento. Este Trabalho de Conclusão de Curso concluiu que a arte e suas temáticas ao longo dos períodos históricos mostra-se relevante para o ensino nas escolas, levar o estudante a conhecer as transformações artísticas ao longo dos tempos para ampliar o interesses dos educandos sobre o tema.

Palavras-chave: Mudanças. Arte. Idade média. Renascimento e temáticas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Massaccio - Adão e Eva Expulsos do Paraíso, antes e depois da restauração.	23
Figura 2 - Pintura da Alta Idade Média.	28
Figura 3 - Pintura Românica sob forma de murais.	32
Figura 4 - Pintura Gótica - Interior da Catedral de Colônia na Alemanha.	35
Figura 5 - Pintura de Giotto - Ressurreição de Lázaro, Giotto.....	38
Figura 6 - Pintura de Giotto - Crucificação.	38
Figura 7 - Sandro Botticelli – O Nascimento de Vênus.	39
Figura 8 - Mona Lisa, de Leonardo da Vinci, 1503-1507 (Museu do Louvre, Paris)..	40

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 METODOLOGIA	12
3 CONTEXTO ARTÍSTICO E HISTÓRICO DA IDADE MÉDIA E RENASCIMENTO	15
4 AS TEMÁTICAS ARTÍSTICAS NA IDADE MÉDIA	25
5 AS TEMÁTICAS ARTÍSTICAS DO RENASCIMENTO.....	37
6 A RELEVÂNCIA DA HISTÓRIA DA ARTE PARA A EDUCAÇÃO	47
6.1 PROJETO DE EXTENSÃO.....	49
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS.....	55

1 INTRODUÇÃO

Depois de graduado em história e atualmente acadêmico de Artes Visuais licenciatura passei a compreender que ao longo dos períodos históricos de grandes mudanças na sociedade europeia ocidental a arte tornou-se um dos elementos fundamentais que nos ajudam a perceber com mais profundidade os períodos históricos, como a passagem da Idade Média ao renascimento na Europa Ocidental através das temáticas artísticas. Percebemos isto em obras de arte entre os dois períodos com elementos distintos que nos fazem completar o raciocínio.

Face às questões apresentadas acima, esta pesquisa contemplará estudos sobre as diferenças na produção de arte na Idade Média e renascimento como ocorreu, por exemplo, na pintura: interesses, objetivos, valores, religiosidade, homem, ou seja, como se davam as mais diversas relações entre as grandes mudanças sofridas na Europa Ocidental entre os séculos V e XVI.

As transformações nas temáticas artísticas entre Idade Média e renascimento italiano nos ajudam a compreender como a arte “viva” participa dos processos de mudança na sociedade e suas possibilidades da produção artística.

Para esta discussão trago o seguinte problema: quais as principais características que podemos identificar em suas temáticas artísticas no que se refere ao ocidente europeu entre a Idade Média e renascimento? Esta questão vai nortear a pesquisa ao longo dos meses observando diferenças entre obras de arte de diversos artistas destes dois períodos históricos europeus, contribuindo para o conhecimento de que a arte está em constante movimento.

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar as transformações das temáticas artísticas entre a Idade Média e renascimento no Ocidente europeu em conjunto com as mudanças históricas e os objetivos específicos são os seguintes:

- ✓ Refletir sobre como as temáticas artísticas se transformam junto às mudanças históricas ocorridas entre Idade Média e renascimento na Europa Ocidental;
- ✓ Compreender os principais motivos da produção artística no período medieval;
- ✓ Entender os novos caminhos das temáticas artísticas no período do renascimento;

- ✓ Conhecer novos elementos artísticos que surgem ao longo do renascimento;

- ✓ Diferenciar uma obra de arte da Idade Média e renascimento.

A pesquisa está dividida em três capítulos, dialogando com diversos autores e autoras de Arte e de História como Campello, Cappellari, Brocvielle e Eco que analisam mudanças nas temáticas artísticas entre Idade Média ao renascimento. Destaco na metodologia que a pesquisa é bibliográfica e qualitativa. No primeiro capítulo será realizada uma contextualização artística sobre os principais acontecimentos no período ocidental europeu entre os séculos V e XVI entre a Idade Média até o renascimento italiano. Neste capítulo será discutida a divisão entre Alta e Baixa Idade Média, a influência da Igreja Católica e a definição do termo renascimento, que surgiu na Itália considerado um dos acontecimentos precursores do período histórico da Idade Moderna na Europa. No segundo capítulo analisarei aspectos sobre as temáticas artísticas como na pintura no período medieval, os elementos artísticos iniciais da pintura influenciados pela Idade Antiga, suas intenções, o que era valorizado em uma obra de arte, quem realizava as produções artísticas e a forte religiosidade da época que colocava Deus como centro do universo valorizando a intenção divina e não a qualidade artística da obra e o estilo românico e gótico.

No terceiro capítulo farei análise da Arte de pintar no renascimento, os novos elementos artísticos que aparecem nesta linguagem artística, os novos artistas, a pintura da natureza e o homem como centro das atenções nas obras de arte.

Por fim, irei apresentar uma proposta de curso para o Ensino Médio através dos estudos da arte na Idade Média e renascimento na Europa Ocidental. Também elencar a importância da história da arte aliada a apreciação estética, intervenções e novas relações. O centro destas oito aulas será a partir deste estudo proposto.

Este trabalho de Conclusão de Curso não será uma discussão querendo destacar um período em detrimento do outro, mas valorizar a arte tanto na Idade Média como no renascimento, mostrar que as produções artísticas são importantes em todos os momentos históricos, em que o período histórico anterior serve de base para o posterior e não parte do zero, uma vez que sempre há contribuições para que

se potencialize e crie novas possibilidades dentro do campo artístico. Uma pesquisa que pode contribuir para o ensino da arte salientando sua importância à educação.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa realizará uma análise das temáticas artísticas entre estes dois períodos históricos, a qual será totalmente bibliográfica, ou seja, para a sua produção serão utilizados apenas livros que discutem as mudanças ocorridas. Para compreendermos as possibilidades da pesquisa bibliográfica em trabalhos de conclusão de curso trago o autor Sílvio Luiz de Oliveira, que discute sobre onde e como é feito este levantamento:

Normalmente o levantamento bibliográfico é realizado em bibliotecas públicas, faculdades, universidades e, especialmente, naqueles acervos que fazem parte do catálogo coletivo e das bibliotecas virtuais. Além de a pesquisa documental ser realizada em bibliotecas, pode ser feita em institutos e centros de pesquisas, museus, acervos particulares, bem como em locais que sirvam como fontes de informações para comprovar a existência ou não de uma determinada hipótese que é ou foi objeto de estudo de outros pesquisadores e que, a partir dali, o pesquisador passa a somar uma série de informações, com a finalidade de elaborar o seu projeto de pesquisa (OLIVEIRA, 1997, p. 119).

Minha pesquisa vai centrar forças por meio de livros, mas se percebe que são amplas as possibilidades de pesquisa bibliográfica, como artigos, museus, acervos particulares, bibliotecas virtuais e outras possibilidades. Isso nos proporciona materiais importantes para conseguirmos realizar um bom trabalho, bem elaborado e fundamentado teoricamente.

Sabemos que a utilização de pesquisas apenas com livros não diminui e nem desqualifica um trabalho acadêmico, muito pelo contrário, é uma das possibilidades existentes mais importantes que temos e que devemos aproveitar sobre o que queremos saber a respeito de determinado tema. Para esta discussão recorro ao autor Gil sobre o significado da pesquisa bibliográfica:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem a análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas [...]. Os livros constituem as fontes bibliográficas por excelência [...] (GIL, 2008, p. 44).

Percebe-se que Gil destaca a grande importância que os livros têm até os dias de hoje na elaboração de uma pesquisa, algo de fundamental importância que será muito utilizado neste trabalho, com vários autores discutindo a arte na Idade Média e arte no renascimento, compreendendo suas diferenças e derrubando mitos e preconceitos contra a Idade Média, valorizando este período e destacando o renascimento como um período muito importante e que se apropriou de vários elementos do período anterior, além das transformações ao longo da história.

Esta pesquisa bibliográfica tem uma abordagem qualitativa, ou seja, dá profundidade ao tema proposto procurando contextualizar o período para que as pessoas se localizem no tempo e no espaço, com experiências e detalhes que vão fazer a diferença. Para aprofundarmos melhor o entendimento da pesquisa qualitativa trago as experiências de Teixeira (2005, p. 137) sobre o assunto:

Na pesquisa qualitativa o pesquisador procura reduzir a distância entre a teoria e os dados, entre o contexto e a ação, usando a lógica da análise fenomenológica, isto é, da compreensão dos fenômenos pela sua descrição e interpretação. As experiências pessoais do pesquisador são elementos importantes na análise e compreensão dos fenômenos estudados. A pesquisa qualitativa tem as seguintes características:

- O pesquisador observa os fatos sob a óptica de alguém interno à organização.
- A pesquisa busca uma profunda compreensão do contexto da situação.
- A pesquisa enfatiza o processo dos acontecimentos, isto é, a sequência dos fatos ao longo do tempo.
- O enfoque da pesquisa é mais desestruturado, não há hipóteses fortes no início da pesquisa. Isso confere à pesquisa bastante flexibilidade.
- A pesquisa geralmente emprega mais de uma fonte de dados.

Teixeira (2005) nos traz relevantes contribuições acerca da pesquisa qualitativa que vai ao encontro deste estudo. Primeiramente quanto à questão da descrição e interpretação dos períodos históricos, em que não teremos dados, mas discussões pertinentes sobre os dois períodos históricos, de acordo com as referências existentes, percebendo as diferenças das temáticas artísticas.

As experiências pessoais de quem é graduado em História, que conhece o tema e as possibilidades de fontes, serão elementos presentes e relevantes, como a sequência dos fatos na arte ao longo do período histórico, com flexibilidade, sem a constante preocupação com conclusões, mas reflexões ao longo da pesquisa elaborada.

Traz-se novamente o trabalho de Oliveira (1997, p. 117), desta vez para destacar suas essenciais contribuições acerca da pesquisa qualitativa, que ressaltam um importante legado neste tipo de trabalho elaborado:

As pesquisas que se utilizam da abordagem qualitativa possuem a facilidade de poder descrever a complexidade de uma determinada hipótese ou problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender a classificar processos dinâmicos experimentados por grupos sociais, apresentar contribuições no processo de mudança, criação ou formulação de opiniões de determinado grupo e permitir, em maior grau de profundidade, a interpretação das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos.

Oliveira (1997) destaca relevantes considerações sobre a pesquisa qualitativa, como a facilidade de escrever e analisar sobre determinado problema dentro do tema escolhido que neste estudo referem-se aos processos que são dinâmicos na medida em que vão modificando-se ao longo dos tempos históricos. A arte também se transforma junto com todas as outras mudanças que ocorreram na Europa Ocidental naquele período, as ações dos grupos sociais inseridos neste contexto da Idade Média e renascimento e como eles contribuem nestas mudanças profundas na Arte.

Apresenta-se uma pesquisa bibliográfica e qualitativa que pretende descrever e analisar sobre o campo artístico nestas duas épocas e perceber o quanto ele se modificou de um período ao outro, buscando também ideias para aulas de artes para que os estudantes consigam compreender diferenças entre obras de arte medieval e renascentista, além de quais elementos estão presentes nas duas obras e que as diferenciam de acordo com este estudo.

3 CONTEXTO ARTÍSTICO E HISTÓRICO DA IDADE MÉDIA E RENASCIMENTO

Ao discutir a arte ao longo dos períodos históricos conseguimos perceber que ela também se transforma ao longo da história de acordo com as mudanças entre as mais diversas sociedades existentes, pois o pensamento, seu modo de vida, suas aspirações, dificuldades, progressos e retrocessos permitem mudanças dentro do campo artístico, como percebemos em várias partes do mundo. Estas mudanças ajudam os estudantes a compreender que a arte está em constante movimento ao longo dos tempos como na forma de pintar por exemplo.

Para se entender a arte, deve-se pesquisar sobre a cultura e período histórico ao qual está inserida, pois a arte é um fenômeno cultural. Adiante termina sua discussão dizendo A arte não possui regras absolutas e seguidas a risca, mas sim regras de cada época em si (BARRETO, 2009, p.14).

Estas citações nos fazem refletir que ao longo da história a arte passa por mudanças e compreendê-las nos ajuda a perceber como o campo artístico se transforma, suas diversas concepções de ser humano e seus pensamentos nos fazem vislumbrar outras possibilidades artísticas, sem ficar parada e estática em meio a regras rígidas, mas estar sempre em constante movimento.

Acredita-se que elementos como estes podem ser mais explorados nas escolas, aprofundando a história da arte fazendo maiores relações com a atualidade, ampliando assim a problematização acerca do tema.

A obra de arte deve ter em consideração o contexto em que foi elaborada e o tema abordado, e ser analisada, descrita, lida e interpretada levando em conta esses parâmetros. Há muitas respostas para o que é a arte, porém são todas insuficientes para realmente defini-la, pois a arte é indefinível (BARRETO, 2009, p.14).

Barreto (2009) ainda destaca que dependendo do contexto histórico e o local em que a obra de arte está inserida ela apresenta elementos artísticos distintos e que nos ajudam a entender aquela época estudada. O autor traz outro aspecto que cabe salientar, quando diz que para a arte são muitas as explicações e poucas as definições, pois a arte de cada período é complexa e o objetivo não é defini-la, mas sim realizar análises sobre as temáticas artísticas entre os períodos históricos.

Neste caso está se discutindo o contexto das transformações que ocorreram dentro da arte entre a Idade Média e o renascimento na Europa Ocidental na Itália e quais mudanças mais significativas ocorreram neste longo período histórico. Para situar-se no tempo destaco a estudiosa Bianca Campello que em seu artigo traz discussões relevantes sobre o longo período da Idade Média, sua divisão em dois momentos históricos importantes e a presença artística neste contexto histórico de mil anos:

A longa duração da Idade Média fez esse período caracterizar-se em diferentes fases de organização social. Convencionalmente, para seu estudo, dividimos o período medieval em Alta Idade Média (do século V ao século XII) e Baixa Idade Média (do século XIII ao século XV). Cada um desses momentos possui uma estrutura social característica e a produção da arte dessas épocas dialoga diretamente com as necessidades e aspirações dessas sociedades. A Alta Idade Média compreende o período em que os povos bárbaros (no sentido de estrangeiros, que não pertenciam ao Império Romano do Ocidente) dominaram a Europa. Essa é a época em que as cidades se esvaziaram e em que vigorou o feudalismo, como modo de produção e de organização social. A imagem que temos de uma igreja muito poderosa, a serviço da qual cavaleiros e reis se dispõem, corresponde ao fim dessa época, entre os séculos X e XII. Esse período corresponde ao apogeu da arte de estilo românico, que se manifestou nas artes plásticas e na arquitetura, principalmente, e ao surgimento do Trovadorismo (MARISTA, 2010, p. 01).

Cappellari (sd) destaca que a Idade Média foi um período longo e que se dividiu em dois grandes momentos: A Alta Idade Média do século V ao XII, que se estrutura com a queda do Império Romano do Ocidente e a formação do feudalismo, ou seja, a vida no campo em feudos, que são divisões de terras entre a nobreza e a partir do século XII com a Baixa Idade Média, quando transformações mais intensas vão ocorrer na Europa Ocidental nas mais diversas linguagens artísticas, como na pintura com o estilo românico inspirado em Roma ganhando força.

Para aprofundar a compreensão destes períodos históricos na Europa Ocidental trago o artigo de uma autora que busca definir o que foram a Idade Média e o renascimento com a presença da arte inserida neste meio histórico.

Idade Média é como foi denominado o período situado entre a queda do Império Romano do Ocidente (no século V) – pelas invasões bárbaras – e a derrocada do Império Romano do Oriente (século XV) – com a tomada de Constantinopla. Foi uma época dominada pelo sistema de produção feudal, no qual os donos de terras se tornaram poderosos, descentralizando o controle estatal. Eles cediam terras aos camponeses em troca de proteção militar contra os bárbaros, cobrando fidelidade absoluta e uma parte da produção. Neste período, a Igreja Católica se fortaleceu como instituição pregando a fé, cobrando o dízimo e perseguindo os infiéis. O momento

histórico que seguiu a estes dez séculos de controle espiritual e material sobre o pensamento e as produções culturais foi chamado de Moderno. Um dos fortes movimentos de renovação intelectual que vinha aparecendo mansamente desde o século XII, mas que explodiu como tendência no século XV, foi a Renascença. Este projeto tinha como proposta tirar o enfoque absoluto das artes do domínio da Igreja e retomar as abordagens sobre o Homem e a natureza, além de valorizar as formas e a beleza da Antiguidade Clássica (CAPPELLARI, sd, p. 176).

A autora Cappellari (sd) consegue explicar em seu artigo a essência artística da Idade Média e Idade Moderna ao focar na Idade Média como período de intensa religiosidade na arte com Deus como centro das atenções e renascimento com o início de algumas mudanças a partir do século XII, mas que dá um grande salto com o renascimento no século XV ao tirar da religião o foco principal da arte para retomar e ampliar as produções da antiguidade clássica, ou seja, retomar as criações artísticas entre as diversas linguagens do período grego e romano da Idade Antiga, que foi deixado de lado no período da Idade Média.

Ao pensarmos criticamente e de modo reflexivo sobre a história e a inserção da arte entre os dois períodos históricos trago outros estudos sobre a arte na Idade Média discutidos pela autora Graça Proença em sua obra História da Arte:

No período iniciado no século V e conhecido como Idade Média, a vida social e econômica deslocou-se da cidade para o campo. Sem condições propícias para o desenvolvimento das artes, a evolução cultural no campo manteve-se praticamente quase nula. Os mosteiros eram muito pobres e neles também era difícil estabelecer uma atividade artística. No século VII, as únicas fontes de preservação da cultura greco-romana eram as escolas voltadas para a formação do clero. Somente a igreja continuava a contratar construtores, carpinteiros, marceneiros, vitralistas, decoradores, escultores e pintores, pois as igrejas eram os únicos edifícios públicos que ainda se construía (PROENÇA, 2012, p. 62).

Reforçando a citação acima de Proença, o período da Idade Média ocorreu com a queda do Império Romano do Ocidente no século V com o crescimento do cristianismo liderado pela Igreja Católica. A intensificação da vida no campo, o controle da igreja e a pobreza nos mosteiros dificultaram a produção artística, ocorrendo um controle totalmente religioso da arte.

A autora destaca em sua citação que a arte greco-romana teve pouca continuidade no período medieval sendo controlada pela Igreja Católica e com restrito alcance pelo ocidente europeu. A Igreja detinha o poder da criação artística contratando pessoas para realizar obras de arte que retratassem a religiosidade em

igrejas e quadros com elementos do cristianismo, o que vinha ganhando muita força desde o início dos primeiros séculos depois de Cristo.

Para compreendermos o desenvolvimento das temáticas artísticas entre os períodos históricos da Idade Média e renascimento se faz necessário saber, antes de qualquer coisa, o contexto histórico da época.

Para entendermos ainda mais sobre o período medieval na Europa Ocidental trago outra contribuição sobre o tema do autor Duílio Battistoni Filho retirada de sua obra Pequena História da Arte:

Na Europa Medieval, a Igreja Católica era a instituição mais rica, mais centralizada e universal. Enquanto os reis medievais tinham apenas poder sobre seus feudos, a Igreja era respeitada em toda a Europa. Manteve o monopólio da cultura, fundou escolas e universidades. No século XIII, o poder do papa não conhecia limites. O Santo Império, a Inglaterra de João sem Terra e a França de Felipe Augusto estavam todos submetidos ao poder do papa. Diante de tudo isso, podemos perceber que a arte estava submetida aos desígnios de Deus e da Igreja (BATTISTONI FILHO, 2012, p. 44).

Battistoni traz elementos fundamentais para situarmos a arte neste período histórico ao destacar a posição da Igreja Católica como instituição mais poderosa da Europa, enquanto os reis perdiam força devido às várias divisões de territórios em feudos. O Catolicismo influenciava os reis, o pensamento, a economia, a sociedade medieval e a arte, que estava quase toda atrelada a Deus sob o domínio da Igreja.

Vale destacar que a Idade Média, segundo Battistoni, não diz respeito apenas a Europa Ocidental, mas a outras partes da Europa e outros continentes. Entretanto, esta pesquisa tem como foco o ocidente europeu e suas transformações artísticas medievais e renascentistas.

O início do renascimento na Europa Ocidental, no século XV, ocorreu em meio a diversas transformações que já vinham ocorrendo desde o século XII, que ajudaram a mudar radicalmente o contexto histórico e artístico europeu. Para compreender-se o surgimento do renascimento como um dos acontecimentos marcantes da passagem entre Idade Média a Idade Moderna traz-se novamente Battistoni Filho (2012, p. 61) para a discussão:

As transformações sofridas no final da Idade Média alternavam a vida econômica e política da Europa. O renascimento comercial e urbano, sobretudo no norte da Itália, proporcionou o desenvolvimento da burguesia

possuidora de uma nova visão de mundo. Essa nova visão se cristalizou na mudança de mentalidade e dos padrões culturais, proporcionando o renascimento cultural e artístico. Com o desenvolvimento das navegações no Mediterrâneo, a Europa passou a sentir as influências das civilizações bizantina e islâmica. A partir daí houve maior contato com a antiga cultura grega clássica. A burguesia que participava da dinamização econômica e social procurava novos valores e se opunha aos velhos conceitos medievais. O homem redescobria a técnica, tão necessária às navegações quanto às novas situações vividas na Idade Moderna.

Percebe-se, ao estudar a citação acima, grandes mudanças na Europa Ocidental com as expansões marítimas e comerciais, como o contato com a cultura antiga grega há muito tempo deixada de lado e uma nova dinâmica da economia que passa a conhecer e ter contato com outros povos e continentes, fazendo novos conceitos surgirem e combatendo o pensamento medieval da época com uma nova classe poderosa, como a burguesia na época.

O mesmo autor ainda exemplifica vários motivos que levaram as cidades italianas a dar suporte ao renascimento, como ter uma nobreza urbana, um comércio desenvolvido, estabilidade e seu desligamento contínuo dos laços feudais, dando apoio a valores da burguesia comercial.

Os ricos mercadores, sobretudo os italianos, investiram no movimento cultural e artístico desenvolvendo uma ação de apoio às realizações culturais, conhecida como mecenato. Tanto famílias aristocráticas como a Igreja apoiaram o movimento através dos papas Pios II, Júlio II, Alexandre VI e outros. A visão humanística que caracterizou o renascimento apoiava-se no otimismo, individualismo, naturalismo, interesse pela antiguidade greco-romana e pelo ser humano, e desprezo pela cultura medieval. O humanismo era a glorificação do humano e natural, em oposição ao divino e extraterreno, típico da Idade Média. O homem passou a dar importância a si mesmo como indivíduo. A natureza passou a ser vista criticamente, e os olhos da ciência passaram a pesquisar como ela funcionava. O humanismo rejeitou a influência medieval procurando definir os limites de atuação entre ciência e religião (BATTISTONI FILHO, 2012, p. 62).

Percebe-se que a arte no período do renascimento passa por diversas transformações, como o apoio dos ricos comerciantes para novas realizações de arte e também da igreja. Assim, uma nova visão de sociedade crescia, que era o individualismo em oposição ao coletivo medieval, o interesse pelos povos antigos romanos e gregos procurando definir limites de alcance entre religião e ciência, ou seja, perceberam que nem tudo o que ocorria no mundo a Igreja poderia explicar, mas sim os estudos científicos.

De acordo com historiadores o ser humano torna-se o centro do universo, isto fica nítido nas produções artísticas com outro olhar para a natureza e

procurando situar avanços da ciência, como a terra descoberta como uma esfera e que gira em torno do sol, algo aceito pelos renascentistas e criticada pela Igreja Católica.

Vale ressaltar que neste período em meio a tantas mudanças na Europa Ocidental não se passou a desacreditar em Deus, mas segundo renascentistas nem tudo o que ocorria no mundo poderia ser explicado pelo divino.

Dando continuidade a esta discussão, busco novamente os estudos de Proença sobre sua definição em relação ao renascimento na Itália:

Chama-se Renascimento o movimento cultural desenvolvido na Europa entre 1300 a 1650 – portanto, no final da Idade Média e na Idade Moderna. O termo sugere que, a partir do século XIV, a Europa teria assistido a um súbito reviver dos ideais da cultura greco-romana. Porém, durante o período medieval, o interesse pelos autores clássicos não desapareceu. O Poeta Dante Alighieri (1265-1321), por exemplo, manifestou inegável entusiasmo pelos clássicos. Também nas escolas monásticas, autores clássicos como Cícero, Sêneca e os filósofos gregos foram muito estudados. Na verdade, o Renascimento significou muito mais do que o simples reviver da cultura clássica: nesse período, ocorreram, no campo das artes plásticas, da literatura e das ciências, inúmeras realizações que superaram essa herança. O ideal do humanismo foi, sem dúvida, o móvel de tais realizações e tornou-se o próprio espírito do Renascimento. Num sentido amplo, o ideal do humanismo pode ser entendido como a valorização do ser humano e da natureza em oposição ao divino e ao sobrenatural, conceitos que haviam impregnado a cultura da Idade Média. Tanto na arquitetura como na pintura e na escultura, o artista do Renascimento buscou expressar a racionalidade e a dignidade do ser humano (PROENÇA, 2012, p. 92).

Cabe destacar nas pesquisas de Proença acerca deste tema a originalidade dos artistas renascentistas, uma vez que eles não apenas queriam relembrar e trazer novamente os ideais do período greco-romano, mas utilizar como base estes estudos, potencializando para muitas outras obras originais dentro das artes como a pintura, a escultura e a arquitetura. A busca pela razão e a valorização da dignidade do homem como um ser capaz de criar inúmeras possibilidades na área das artes e ciências fazem dos artistas, desbravadores, vanguardistas na busca por novas expressões dentro do campo artístico.

A discussão com os diversos autores acerca do tema nos faz aprender mais sobre como a arte foi se transformando entre a Idade Média e Renascimento, saber que as linguagens artísticas estão em constante movimento e que esta pesquisa trará contribuições fundamentais para a educação, criando possibilidades para estudos escolares sobre o tema.

Não podemos trabalhar prática e teoria na arte de modo separado, devemos fazer relações e vislumbrar possibilidades de fazer da história um instrumento de conhecimento essencial para entender os caminhos seguidos pela arte e suas perspectivas para o presente, conhecendo como cada época contribuiu de algum modo para as linguagens artísticas que estão presentes nos dias de hoje. O passado que deixou resquícios ao presente e que trará novas possibilidades para o futuro artístico.

Sobre as contribuições e novas possibilidades de conhecimento recorro à obra de outro autor, Vincent Brocvielle, que discute este contexto de mudanças no renascimento que ocorre na Itália. Suas contribuições reforçam nosso conhecimento com novos elementos sobre a época pesquisada:

Numerosas transformações surgidas na Toscana, no início do século XV, marcam o âmbito artístico e criam as condições para o surgimento do que se denomina a Renascença. O humanismo do Quattrocento retomou as fontes antigas, não apenas na cópia ou na repetição do modelo greco-romano, mas na redescoberta de temas alegóricos, na valorização do nu, na exaltação de noções como beleza, na inteligência e heroísmo e na constituição de conjuntos coerentes que aliam arquitetura e artes decorativas. As antigas teorias sobre a perspectiva do arquiteto romano Vitrúvio permitem grandes avanços aos artistas do período. A arte da iluminura e da gravura sobre madeira está em seu apogeu quando Gutenberg desenvolve o sistema de impressão tipográfica (a reunião de caracteres móveis em chumbo representando as letras do alfabeto para compor, linha após linha, uma página escrita). A Bíblia de Maiança, publicada em 1455, vai contribuir para a difusão dos saberes por toda a Europa (BROCVIELLE, 2012, p. 70).

O autor Brocvielle (2012), da mesma forma que Proença, destaca a originalidade do período renascentista. No início do renascimento no século XIV retomaram as bases antigas dos gregos e romanos, mas a partir do século XV as obras do renascimento foram ganhando um caráter artístico próprio. A arte neste período exalta a beleza, coloca em evidência o nu e as qualidades do ser humano nas obras de arte, os potenciais dos humanos são cada vez mais exaltados, diferentemente do período medieval em que se exaltava o poder e as realizações de Deus na terra e seu controle sobre tudo e todos.

Outra obra de extrema importância que deve ser destacada para explicar este contexto artístico do renascimento na Idade Moderna é o livro 'Tudo sobre Arte' de Stephen Farthing, em que outros acontecimentos históricos sobre a época fortalecem nossa base de compreensão sobre a pesquisa:

Na história europeia, a Renascença marca a transição do fim da Idade Média para o surgimento da Idade Moderna. O termo faz referência ao ressurgimento do interesse pelos tesouros intelectuais e artísticos da Grécia e da Roma antigas. Obras de autores clássicos como Platão, Aristóteles, Cícero e Homero que haviam caído na obscuridade no Ocidente, são redescobertas e com elas uma visão mais humanista, que dá prioridade no Ocidente, ao homem e às realizações humanas. Embora não seja de maneira nenhuma uma rejeição ao conhecimento teológico – a veneração e a simbologia cristãs continuam a inspirar os artistas da Renascença -, essa abordagem estava em desacordo com os ensinamentos da Igreja Medieval, que insistia que a Humanidade não podia alcançar nada sem a ajuda de Deus. A redescoberta do mundo clássico alterou radicalmente a pintura, a escultura e a arquitetura na Itália. A história e a mitologia romanas eram exploradas como temas artísticos. A arte devocional – plana e linear na Idade Média – se tornou mais naturalista, refletindo uma observação mais cuidadosa da forma humana e da natureza, e também o desenvolvimento de técnicas artísticas como a perspectiva (FARTHING, 2011, p. 150).

A obra de Farthing (2011) traz elementos qualificados sobre a passagem artística da Idade Média para o renascimento. Esta obra mostra que cada período histórico utiliza alguma base da anterior para criar novas possibilidades artísticas, assim como a Idade Média, no começo, trabalhou com alguns elementos antigos.

Com o renascimento, foram utilizados elementos no início típicos da Idade Média, como a religiosidade em algumas obras, mostrando que um período não começa do zero, mas parte de conhecimentos para promover mudanças e potencializar novas criações artísticas de acordo com o pensamento, valores e acontecimentos de outro período, assim a arte vai se transformando.

Wackernagel (1969, p. 09) também reflete sobre esta época ao discutir o termo renascimento e as mudanças ocorridas dentro das linguagens da arte:

O termo Renaissance foi empregado pela primeira vez em França, numa História da Arte, para traduzir a palavra Rinascita, utilizada por Vasari em 1550 para designar o renascimento da arte italiana a seguir à Idade Média bizantina e gótica. No sentido próprio, o vocábulo Renascimento designa essencialmente a mudança radical de orientação a que se assiste no início do século XV, primeiro em Florença, e a seguir em toda a Itália, para atingir o apogeu cerca do ano 1550. Por seu turno, os países transalpinos permanecem na sua maior parte fieis à arte gótica autóctone até aos começos do século XVI. Mas também aí se assiste ao aparecimento da nova orientação naturalista que se aproxima das tendências do Renascimento italiano, desviando-se da Idade Média em benefício do naturalismo e da imitação da antiguidade. Florença abre o caminho com três mestres: Filippo Brunelleschi (1337-1446) na arquitetura, Donatello (1386-1466) na escultura e Massaccio (1401-1428) na pintura.

Figura 1 - Massaccio - Adão e Eva Expulsos do Paraíso, antes e depois da restauração.



Fonte: Wikipédia, 2014.

Wackernagel (1969) destaca definições importantes sobre o significado do termo renascimento, que foi designado por representar o renascer da arte antiga greco-romana posteriormente ao período medieval. Uma mudança radical, como citada por autores anteriores no século XV em Florença, espalhando-se pela Itália e por outras regiões da Europa.

Com o renascimento os artistas procuram se desviar da influência religiosa medieval e buscar o naturalismo em suas obras de arte, ou seja, além do homem a natureza nas obras de arte se fortalecem. Outras paisagens e possibilidades são vislumbradas pelos artistas, assim ampliando as possibilidades criativas do homem.

Esta pesquisa, ao refletir sobre as mudanças artísticas entre a Idade Média e renascimento, não teve como objetivo em nenhum instante apontar o melhor ou o pior, o que teve “mais progresso” ou “menos progresso”. Este trabalho de conclusão de curso vem na perspectiva de ampliar nossos conhecimentos acerca das mudanças na trajetória da arte entre épocas históricas.

Para reforçar esta ideia destaco o autor Gombrich (1990), que chama a atenção para aqueles que se preocupam em reafirmar a todo o momento os “melhores” e “piores” momentos da arte. Segundo o autor:

[...] Na unicidade de cada verdadeira obra de arte, que não deveria ser degradada à condição de um simples elo numa cadeia de “desenvolvimento”. E, no mínimo, os críticos que assumem as posições mais radicais nessas questões são exatamente aqueles que mais gostam de falar em movimentos “progressistas” da arte – referindo-se, em geral, aos movimentos que se rebelam contra as ideias renascentistas de progresso. Não tenho, aqui, intenção de colocar, e muito menos resolver, os diversos problemas que surgem desses paradoxos. Não desejo questionar se existem, ou não, algo a que possamos chamar de progresso artístico – creio que isso depende, em grande parte, do modo como se decide empregar os próprios termos – e nem mesmo se o conceito renascentista estava inteiramente livre de contradições [...] (GOMBRICH, 1990, p. 01).

Concorda-se com a ideia do autor ao afirmar que não podemos simplificar discussões sobre a arte entre períodos históricos distintos a mera condição de mais ou menos desenvolvido sob o ponto de vista artístico.

Em cada momento histórico existe uma sociedade, um pensamento ou um acontecimento diferente um do outro. Acredito que não devemos estar preocupados na trajetória artística ao longo dos séculos em querer afirmar se o renascimento realmente foi, ou não, mais desenvolvido que a Idade Média.

A pintura está entre as temáticas artísticas pesquisadas ao analisarmos os acontecimentos na trajetória artística abordada e a contribuição que estes dois períodos históricos deram à arte ao longo dos séculos V ao XV no ocidente europeu, que são e devem ser ainda mais trabalhados nas diversas instituições de ensino.

4 AS TEMÁTICAS ARTÍSTICAS NA IDADE MÉDIA

Ao pesquisar sobre o contexto artístico no período medieval que está delimitado, entre os séculos V e XV, vamos compreender como as temáticas artísticas se desenvolveram ao longo dos séculos em meio a tantas linguagens existentes como é o caso da pintura. Novos valores e abordagens criadas a partir de um determinado lugar: a Europa Ocidental.

Segundo a autora Cappellari (sd), as religiões monoteístas apresentavam certa resistência à utilização das imagens, mas o Cristianismo, mesmo baseado no antigo testamento, procurou usá-las como modo de tornar visível a fé cristã em toda a sociedade medieval.

A autora destaca que o início da Idade Média, conhecido como Baixa Idade Média a partir do século V, a falta de representações religiosas na época fizeram com que artistas utilizassem elementos artísticos da Idade Antiga neste período:

A falta de uma tradição pictórica de representação das crenças monoteístas fez com que os primeiros artistas a trabalhar os temas religiosos cristãos se embasassem em modelos de arte clássica, produzindo imagens bastante semelhantes às dos deuses pagãos. Um bom exemplo, que nos fornece Link (1998), é uma figura do século IV na qual Jesus aparece como um jovem sem barba... de visualidade semelhante às estátuas gregas e/ou romanas. Aos poucos, estas imagens foram adquirindo características próprias da arte medieval, adaptando estas figurações aos anseios e objetivos da Igreja, de provocar no fiel, ao mesmo tempo, um misto de fascinação e medo (CAPPELLARI, sd, p. 177).

Aos poucos a arte da Idade Média foi se modificando no período antigo de Grécia e Roma, com o crescimento da religião cristã, principalmente por volta do século IV, em que ela deixa de ser perseguida e passa a ser aceita como religião oficial, ocorrendo o fortalecimento da Igreja Católica até o século V, em que a autora aponta uma arte medieval com características próprias.

As pinturas religiosas provocam os fiéis com esta mescla de medo e fascinação que rondou este longo período da Idade Média. Esta linguagem artística vem para reforçar a visualidade da religiosidade cristã. Dando continuidade às contribuições de Cappellari, que destaca diferenças entre o judaísmo e o cristianismo em relação à pintura religiosa destaque:

Tais figuras de origem religiosa procuravam traduzir graficamente personagens santos e passagens da Bíblia. Ao contrário da religião judaica, na qual o nome de Deus não deveria nem ao menos ser mencionado, a cristã trazia Deus mais para perto dos homens, enaltecendo a figura da cruz e a imagem de Jesus (CAPPELLARI, sd, p. 177).

As pinturas religiosas, para a autora, enalteciam Jesus, a cruz, as pessoas e os símbolos religiosos do cristianismo que a Igreja Católica passou a aproximar dos homens, reforçando seus ensinamentos e pregações à população, bem como o desenvolvimento da linguagem artística da pintura na Idade Média.

A representação gráfica da crença era uma maneira de aproximar os santos dos homens comuns, permitindo a eles um reforço da fé através do imaginário visual. A intenção destas pinturas e esculturas era tornar presente o ausente, uma característica que Chartier (2002) descreve como sendo uma das principais funções da imagem. Ele diz ainda que esta função também permite à imagem “exibir sua própria presença enquanto imagem e, assim, constituir aquele que olha como sujeito que olha” (p. 165). A ideia era trazer os personagens das Escrituras para a esfera do visível e, assim, torná-los mais palpáveis (CAPPELLARI, sd, p. 178).

Esta citação alcança a dimensão da Igreja Católica ao querer reforçar a fé cristã entre os europeus para fortalecê-la através da imagem visual, em que o ausente pode estar presente materializado em uma pintura, sendo este um dos principais objetivos a serem atingidos, os tornando palpáveis e presentes na vida do cristão católico.

A pintura na Idade Média não foi utilizada apenas para o aprimoramento da fé, mas, como a própria Cappellari (sd, p. 178) define:

Como uma intenção de moralizar a humanidade para estruturar as relações de poder em um período pós-Império Romano. Mais adiante ela complementa afirmando que Ameaçar as pessoas de que se tivessem uma conduta incorreta iriam para o Inferno revelou-se uma importante maneira de promover o controle social.

As citações acima mostram o quanto à arte pode ser utilizada como instrumento de moralização e controle de uma sociedade, levando as pessoas a temer a possibilidade de ir para o inferno e não ir para o céu. Isto foi muito usado pela Igreja Católica na época, pois ela queria manter o poder, os dízimos e os privilégios que havia conquistado ao longo dos séculos. A arte na Idade Média não procurava ressaltar a habilidade artística das pessoas, mas sua intencionalidade, que era exclusiva para Deus.

Existem dificuldades na definição do período medieval. Quando falamos de Idade Média estamos abordando um período de aproximadamente mil anos e que passou por diversas transformações artísticas. Para discutir sobre esta dificuldade trago outro autor Eco (1989, p. 12), que discorre sobre o assunto:

Por outro lado, é o próprio conceito de Idade Média que é bastante difícil de definir e o próprio termo, na sua explícita etimologia, é como se tivesse sido inventado para poder integrar uma dezena de séculos que ninguém conseguia situar, dado que se encontravam a meio caminho entre duas épocas excelentes, uma de que se estava já muito orgulhoso e a outra que se tinha tornado motivo de grande nostalgia.

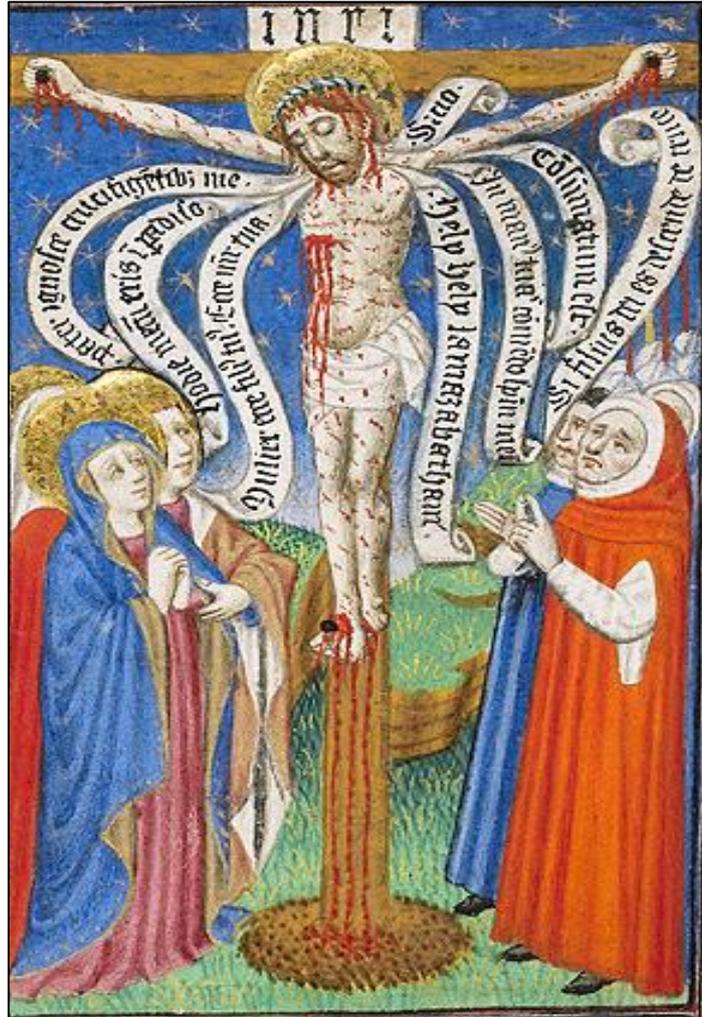
Ao discutir sobre a pintura na Idade Média sabemos da complexidade de abordar este período, pois além de longo ele passa por diversas transformações artísticas com mudanças nas linguagens da arte, estando inserido entre o período antigo e renascentista.

Para discutir a originalidade nas produções artísticas da Idade Média de um período marcante para a arte:

A Idade Média retirou grande parte dos seus problemas estéticos da antiguidade clássica: mas conferiu a tais temas um novo significado, inserindo-se no sentimento do homem, do mundo e da divindade típicos da visão cristã. Extraiu outras categorias da tradição bíblica e patrística, mas empenhou-se em inseri-las nos quadros filosóficos propostos por uma nova consciência sistemática. Em consequência, dirigiu a sua especulação estética para um plano de indiscutível originalidade (ECO, 1989, p. 15).

Eco traz contribuições que fazem com que possamos refletir sobre a inserção do ser humano na divindade, típicas de uma época de grande religiosidade, que se reflete nas pinturas produzidas neste período.

Figura 2 - Pintura da Alta Idade Média.



Fonte: Wikipédia, 2014.

Partindo da discussão de Eco (1989) traz-se outra provocação acerca das produções artísticas da pintura medieval: Será que o artista ou qualquer outra pessoa não tinha um gosto próprio, uma preferência, ou tudo era apenas voltado para a religiosidade pura e simples? Como se davam estas relações entre o gosto pessoal e a forte ligação com a religiosidade da Idade Média? Para responder a estas questões ressalta-se o conhecimento de Eco (1989, p. 16):

[...] Ampliando o interesse estético para o campo da beleza não sensível, os medievais elaboravam simultaneamente, através da analogia, por meio de paralelismos explícitos ou implícitos, uma série de opiniões acerca do belo sensível, a beleza das coisas da natureza e da arte. O campo de interesse estético dos medievais era mais alargado que o nosso, e a sua atenção pela beleza como dado metafísico; mas existia também o gosto do homem comum, do artista e do amador das coisas de arte, vigorosamente dirigido para os aspectos sensíveis. Os sistemas doutrinários procuravam justificar e dirigir este gosto (documentado de muitas maneiras) de modo a que a atenção pelo sensível nunca anulasse a tensão para o espiritual.

Eco relata conhecimentos fundamentais sobre o campo de interesse dos medievais, os quais também se interessavam sobre a natureza, a beleza de outras coisas, ou seja, ir além do físico, atingir a essência das coisas e o gosto direcionado para a espiritualidade. Vale destacar que o sistema doutrinal dirigia este gosto e a atenção por esta sensibilidade artística na pintura ou em qualquer outra linguagem artística para que nunca anulassem o espiritual.

Aprofundando esta discussão, pesquisadores de arte na Idade Média estudam a possibilidade de criação artística nesse período ocorrer sem compromisso algum com o divino, fora dos limites do gosto na Idade Média.

Huizinga mostra como os medievais convertiam imediatamente o sentimento do belo num sentido de comunhão com o divino ou com a pura e simples alegria de viver. É verdade que os medievais não tinham uma religião da beleza separada da religião da vida (como, pelo contrário, nos mostraram os românticos) [...] Se o belo era um valor, devia coincidir com o bom, com o verdadeiro e com todos os outros atributos do ser e da divindade. A Idade Média não podia, não sabia pensar numa beleza maldita ou, como acontecerá no século XVI, na beleza de Satanás. Para isso, nem Dante, que no entanto compreende a beleza de uma paixão que conduz ao inferno, será suficiente (ECO, 1989, p.26)

Eco aborda em sua citação elementos que demonstram nos medievais uma conversão imediata do seu sentimento de belo com o divino, ou seja, ao realizar uma pintura na Idade Média o belo está intrínseco à divindade. A vida não está separada da beleza. O belo, sendo um valor, deveria ser verdadeiro, bom como todos os elementos da divindade, diferentemente do renascimento.

O autor traz em seus estudos contribuições sobre características, gostos e valores dos medievais inseridas em suas criações de arte. Ao realizarem uma produção artística daquela época, os elementos discutidos acima estavam presentes, o que nos traz um melhor entendimento vislumbrando aspectos da compreensão deles em relação à arte.

Ao apreciar uma pintura na Idade Média, por exemplo, como se davam entre os medievais a relação com a obra e a sua satisfação estética? Para responder a esta questão aponto mais elementos da pesquisa de Eco (1989, p. 28):

Por outro lado, quanto ao fato de ao contemplar a obra de arte o homem medieval se deixar arrastar com prazer pela fantasia sem se deter na unidade do conjunto, e traduzir o prazer estético em prazer de viver ou prazer místico [...]. A satisfação estética do homem medieval não consiste portanto em fixar-se sobre a autonomia do produto artístico ou da realidade

da natureza, mas em aprender todas as relações sobrenaturais entre o objeto e o cosmos, em sentir na coisa concreta um reflexo ontológico da virtude participante de Deus (ECO, 1989, p. 28).

Podemos apontar duas características fundamentais para entendermos a sociedade feudal medieval ao apreciar uma pintura: ela dá menos atenção ao conjunto da obra, sua qualidade e beleza, e deixa envolver-se mais pela fantasia, pelo prazer místico que a espiritualidade traz em seu prazer de viver.

Outra característica forte ao contemplar uma pintura é o fato da sociedade medieval não estar fixa ao produto de arte criado, mas nas relações do cosmos que Deus proporciona a ele ao apreciar uma pintura ou qualquer outra linguagem.

Algumas décadas entre os séculos VIII e IX no governo de Carlos Magno no período do Império Carolíngio na Europa Ocidental, segundo a autora Graça Proença, ocorreram evoluções na arte, nos mosteiros e em oficinas em que artistas desenvolveram pinturas acerca de outros temas. “O trabalho nas oficinas da corte de Carlos Magno levou os artistas a redescobrir a tradição cultural e artística do mundo greco-romano.” (PROENÇA, 2012, p. 63). Depois deste curto período em que alguns elementos artísticos antigos se desenvolveram na Europa Ocidental, conforme a autora, após a morte de Carlos Magno em 814, a corte deixou de ser o centro de cultura imperial e as atividades artísticas ficaram centralizadas nos mosteiros, não ocorrendo maiores mudanças.

Num período da Idade Média conhecido como baixa Idade Média vão surgir duas importantes correntes artísticas que vão anteceder o Renascimento: a Românica e Gótica. Estes novos estilos vão vislumbrar novos elementos artísticos em diferentes linguagens. Para falar sobre este acontecimento trago novamente a autora Cappellari (sd, p. 176):

[...] Duas principais correntes de estilos moldaram as produções culturais nestes dez séculos que antecederam o Renascimento: a românica e a gótica. A Românica é considerada uma espécie de evolução da arte romana. Uma das principais referências das obras desta concepção artística, conforme Faure (1990), foi as catedrais firmes e pesadas, construídas com enormes abóbadas e grossas colunas. O outro estilo que se destacou na Idade Média foi o Gótico, no qual as igrejas eram construídas verticalmente, com torres que apontavam em direção ao céu. Eram alongadas e bem iluminadas, além de ornadas com vitrais multicoloridos. A maior parte de pinturas e esculturas estava integrada à composição das capelas. Mosaicos, painéis de madeira e iluminuras eram outros tipos frequentes de manifestação artística.

Cappellari (sd) destaca que na Idade Média as principais pinturas estão inseridas dentro das Igrejas e capelas, além das pinturas em quadros que discutimos anteriormente. O estilo Românico foi uma evolução da arte romana. O Gótico a ligação entre a arte na Idade Média e renascimento no ocidente europeu.

Para alcançar o entendimento sobre estas duas correntes artísticas trago a pesquisa de Bianca Campello, que destaca a inserção da pintura no estilo românico e gótico. Vamos iniciar com o estilo românico:

(...) As formas humanas das pinturas românicas são excessivamente alongadas no eixo vertical, o que já as distancia de uma representação naturalista (que deseja ser fiel às coisas como se apresentam na natureza) do homem. Além disso, o eixo vertical é usado de forma simbólica: as figuras mais longas, mais altas, são aquelas que representam personagens mais relevantes na espiritualidade cristã, o que as destaca. Numa pintura românica em que estejam representados Jesus Cristo e algum apóstolo, o primeiro será sempre bem mais alto que o segundo (MARISTA, 2010, p. 01).

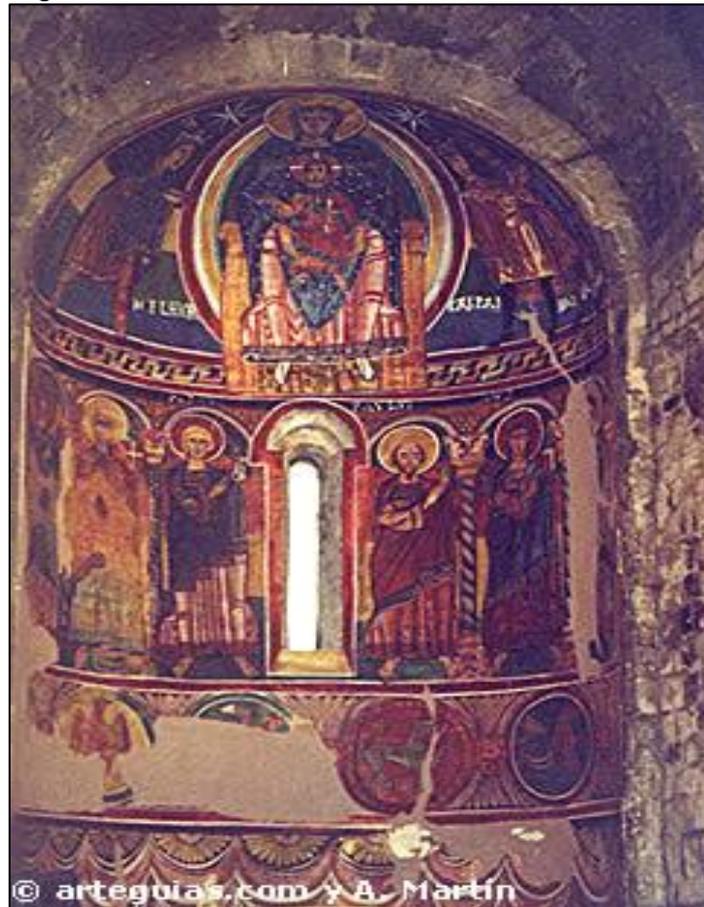
A pintura no estilo românico, segundo a autora, não teve grande destaque, uma vez que foi usada mais como recurso de decoração em paredes de igrejas e em livros. Cabe ressaltar que continua no estilo românico a ausência de perspectiva e temas religiosos como prioridade e, mesmo com algumas mudanças, existem muitas permanências essenciais que caracterizam as pinturas da Idade Média. O homem também é representado de forma muito alongada, representando a espiritualidade do cristianismo, diferentemente do naturalismo que se preocupa em retratá-lo fielmente. Na Idade Média não há a preocupação com a representação fiel das pessoas nas pinturas.

Outros elementos preponderantes do estilo românico estão nas cores, o simbolismo e a marcante religiosidade de suas obras. De acordo com Campello (sd, p. 01):

Essa mesma pretensão de uma arte simbólica, não naturalista, fez com que a pintura românica mantivesse o gosto por cores bem definidas, usadas também de forma simbólica. Por isso, as cores primárias (amarelo, vermelho e azul) são as mais comuns nas pinturas da época. Também o objetivo de uma arte puramente simbólica é o motivo de os pintores não explorarem o recurso da perspectiva, o qual dá a ilusão de tridimensionalidade às cenas, pois cria a impressão de profundidade, de maior a menor distância do objeto em relação ao observador. Dada a máxima importância da Igreja para a produção artística da época, pois será essa instituição que financiará os grandes trabalhos artísticos, os quais sobreviveram até os dias de hoje, os temas da arte românica giram em torno dos assuntos religiosos.

A ideia de uma arte simbólica fez a pintura românica ter as cores primárias azul, vermelha e amarela bem definidas e serem as mais populares da época. Uma arte simbólica evitou a presença da perspectiva sem a noção de profundidade, característica marcante do período medieval. A Igreja Católica continua como grande financiadora dos trabalhos artísticos mantendo a produção de arte românica sobre temas religiosos.

Figura 3 - Pintura Românica sob forma de murais.



Fonte: Wikipédia, 2014.

Depois de compreendermos o estilo românico, percebe-se que o estilo gótico se diferencia provocando mudanças na pintura depois de muitos séculos, como o fortalecimento do naturalismo, da perspectiva e de outras criações artísticas que não sejam religiosas. Conforme Campello (sd):

[...] Exploram-se cores intermediárias e mais suaves, as formas são menos estilizadas, embora ainda muito alongadas. A exploração do eixo vertical continua a ser feita pela sua simbologia; agora, no entanto, não apenas temas religiosos são representados, e, por isso, a verticalidade passa a representar, também, a posição social superior das figuras humanas em

relação às outras, mais baixas. Nessa representação de cenas da vida comum observam-se as relações entre servos, nobres e representantes da nova classe social surgida na época, os burgueses. Também em decorrência da exploração mais naturalista das formas, a perspectiva passa a ser explorada: objetos e cenários adquirem tridimensionalidade e paisagens de fundo, com gradações de cores contribuem para a noção de distanciamento dos objetos. As inovações naturalistas das pinturas góticas vão ser de grande importância para a arte do Humanismo, principalmente a pintura de Giotto, cuja obra, de pretensões marcadamente naturalistas, é caracterizada por uma ampla paleta de cores e completo domínio da perspectiva. Essa arte é a ponte entre a produção medieval e as grandes pinturas do Renascimento.

Com o estilo gótico, mudanças vão ocorrendo, como o aparecimento mais forte do naturalismo, outras cores passam a ser utilizadas com formas menos estilizadas em que não apenas pinturas religiosas são criadas.

A burguesia, nova classe social, aparece junto aos nobres e servos nas obras de arte. Surge a perspectiva, o movimento das pessoas e paisagens onde aparece a tridimensionalidade, que é a presença dos três ângulos: diagonal, vertical e horizontal com a presença de altura, profundidade, largura e o fundo que passam a ter aspectos reais ao criar a ideia de distância entre elementos nas produções. Campello descreve que estas mudanças com o estilo gótico são o caminho transitório entre a Idade Média e o renascimento os séculos XIV e XVI.

Seguindo nas discussões sobre o estilo românico e gótico trago outra pesquisa que nos ajuda a aprofundar o tema. Proença (2012, p. 71) aborda em seu trabalho que os pintores do estilo românico são verdadeiros muralistas:

Os pintores românicos caracterizavam-se não como criadores de telas de pequenas proporções, mas como verdadeiros muralistas. Assim, a pintura românica desenvolveu-se sobretudo nas grandes decorações murais, favorecidas pelas formas arquitetônicas: as abóbadas e as paredes laterais com poucas aberturas criavam grandes superfícies. Na pintura mural era utilizada a técnica do afresco. Os murais tinham como modelo as ilustrações dos livros religiosos, pois naquela época era intensa, nos conventos, a produção de manuscritos decorados à mão com cenas bíblicas. Os motivos usados pelos pintores eram de natureza religiosa. A pintura românica praticamente não registrou assuntos profanos. Para as igrejas e os mosteiros, geralmente eram escolhidos temas como a criação do mundo e do ser humano, o pecado original, a arca de Noé, os símbolos dos evangelistas e Cristo em majestade.

Proença (2012) reforça os estudos de Campello (sd) sobre a pintura do estilo românico ao ressaltar que as pinturas eram muralistas, ou seja, eram pintadas em mural com técnica de afresco, em paredes úmidas onde a pintura é incorporada

no reboco para que a tinta pudesse se fixar e desenvolver a técnica nas igrejas. Eram pinturas baseadas em livros religiosos com ilustrações de passagens bíblicas.

A autora ainda relata que a pintura românica tinha na sua essência a religiosidade sobre o surgimento do ser humano, o dilúvio, os símbolos da Igreja Católica e de Jesus Cristo.

Ela também insere nos seus estudos outras pesquisas sobre a pintura, em que o estilo gótico é destacado como o prenúncio do Renascimento:

A pintura gótica desenvolveu-se nos séculos XIII, XIV e início do século XV, quando começou a ganhar novos aspectos que renunciaram o Renascimento. Sua principal característica foi à procura do realismo na representação das figuras. No século XIII, o pintor mais importante foi Cenni di Pepo (c.1240-1302), nascido em Florença e conhecido como Cimabue. Seu trabalho ainda foi influenciado pelos ícones bizantinos, mas já apresentava uma nítida preocupação com o realismo ao representar a figura humana. Cimabue procurou, por meio da postura dos corpos e do drapeado das roupas, dar algum movimento às figuras de anjos e santos; entretanto, não chegou a realizar plenamente a ilusão da profundidade do espaço (PROENÇA, 2012, p. 87).

Proença discute os novos aspectos que vão abrir caminho para o início do renascimento, como o realismo que começa a aparecer frequentemente nas pinturas e em outras linguagens da arte ao retratar com mais realidade as figuras do ser humano. Os movimentos, que não ocorriam na pintura da Idade Média, passam a ocorrer com anjos e santos, a sensação de profundidade estava se fortalecendo.

Depois de conhecermos a arte do estilo românico e gótico, traz-se o autor Brocvielle (2012, p. 42) para conhecer-se a presença da pintura românica em afrescos preservados pela Europa Ocidental:

O conjunto mais bem preservado de afrescos da época românica encontra-se na Abadia de Saint-Savin-sur-Gartempe (Vienne, França). Realizadas em torno de 1100, as pinturas estão distribuídas entre quatro locais e tratam de diferentes episódios bíblicos: o Apocalipse (pórtico), a Paixão (tribuna do pórtico), o Gênesis e o Êxodo (nave) e o martírio dos santos Xavier e Cipriano (cripta). A alternância de fundos escuros e fundos claros facilita a leitura das cenas, organizadas com clareza. Outros conjuntos igualmente excepcionais são conservados na Espanha, em Leão. O panteão real e o Santuário da Virgem do Caminho são exemplos característicos dessa escola românica robusta, que joga com relevo e ornamentações bem acabadas. As pinturas murais recobrem as abóbadas assim como as paredes Laterais. Veem-se aqui os dois patriarcas: Elias e Enoque, ladeando um medalhão de onde sai a mão de Deus.

De acordo com a citação acima, percebemos diversas pinturas inseridas em igrejas por vários países do ocidente europeu. As pinturas murais recobrem as paredes laterais e abóbadas que são construções em forma de arco, em que os pilares e colunas ficam fixos, marcando a intensa religiosidade da arte da Idade Média que começa a mudar a concepção artística com o estilo gótico.

Brocvielle (2012, p. 44) destaca a arte gótica, “fala-se em arte gótica para descrever a arte que, do século XII ao XIV, se sobrepõe à arte românica e a sucede [...] era empregada por menosprezo ao que seria uma arte de “goths”, ou seja, dos bárbaros que se recusam a seguir os cânones da Antiguidade.”

Figura 4 - Pintura Gótica - Interior da Catedral de Colônia na Alemanha.



Fonte: Wikipédia, 2014.

A arte gótica vem após a arte românica no fim da Idade Média e marca a passagem para o Renascimento. Os artistas começam a buscar novas abordagens, referências, estilos, a explorar além da religiosidade a natureza, o homem, a mulher e a perceber múltiplas possibilidades para ampliar seu alcance artístico através das diversas linguagens da arte.

Depois da pesquisa sobre a arte da pintura na Idade Média pesquisaremos sobre a arte da pintura no Renascimento. Vamos começar a entender as múltiplas mudanças com as novas concepções artísticas que vão surgindo na Itália, berço do renascimento com o distanciamento das obras religiosas.

5 AS TEMÁTICAS ARTÍSTICAS DO RENASCIMENTO

O renascimento cultural, segundo historiadores, surgiu na Itália e foi um dos acontecimentos mais importantes da Europa Ocidental entre os séculos XIV e XVI que marcaram a passagem da Idade Média para o renascimento. As transformações nas linguagens da arte como ocorreram na pintura, contribuem para se pensar o ensino de arte nas escolas.

Para nos situarmos historicamente e entendermos os principais acontecimentos artísticos neste período trago contribuições do autor Marco César Pellegrini, que divide o renascimento italiano em três períodos principais:

Século XIV:

Trecento:

Período de transição entre os valores medievais e os renascentistas, em que foram criadas nas pinturas de Giotto (1267-1337) e as poesias de Francisco Petrarca (1303-1374).

Século XV:

Quattrocento:

Época de prosperidade econômica em algumas regiões da Itália que se refletiu na arte renascentista como um todo. Obras monumentais foram encomendadas pelos mecenas italianos, como a cúpula da catedral de Santa Marina del Fiori, em Florença, feita pelo arquiteto Brunelleschi (1377-1446). Entre os artistas desse período, destacam-se os escultores Ghiberti (1378-1455) e Donatello (1386-1466), e os pintores Massaccio (1402-1428) e Sandro Botticelli.

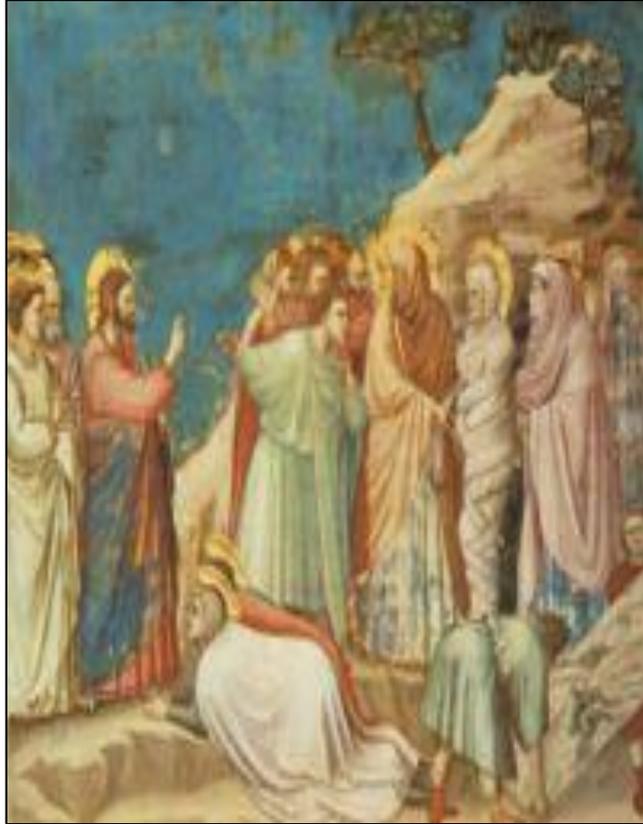
Século XVI:

Cinquecento:

Época de crise econômica em várias regiões da Itália, principalmente em razão da expansão marítima portuguesa e espanhola, que passaram a controlar o comércio de especiarias antes dominado por italianos e árabes. É nessa época, no entanto, que a arte renascentista italiana alcançou seu esplendor. Essa época é conhecida como Idade de Ouro do Renascimento. Destacam-se artistas como Leonardo da Vinci (1452-1519), Michelangelo (1475-1564) e Rafael (1483-1520) (PELLEGRINI, 2012, p. 115).

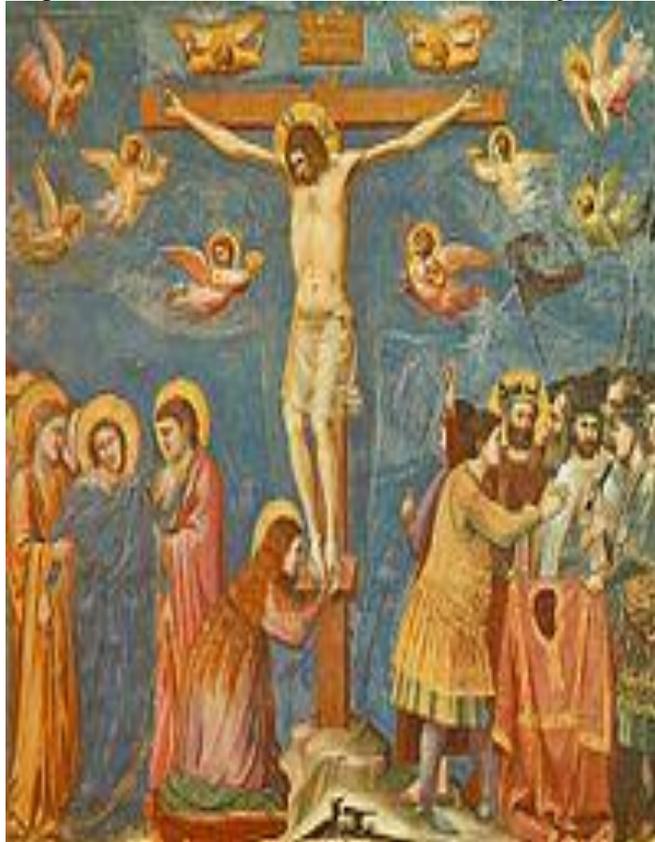
Pellegrini (2012) ressalta em seus estudos acima que o período do Trecento, no século XIV, é um período de transição entre o período da Idade Média ao renascimento, ou seja, as pinturas de Giotto começam a apresentar novos elementos artísticos distintos de uma época em que as produções artísticas estão atreladas a espiritualidade, ao divino, ou seja, a Deus e a Igreja Católica.

Figura 5 - Pintura de Giotto - Ressurreição de Lázaro, Giotto.



Fonte: Wikipédia, 2014.

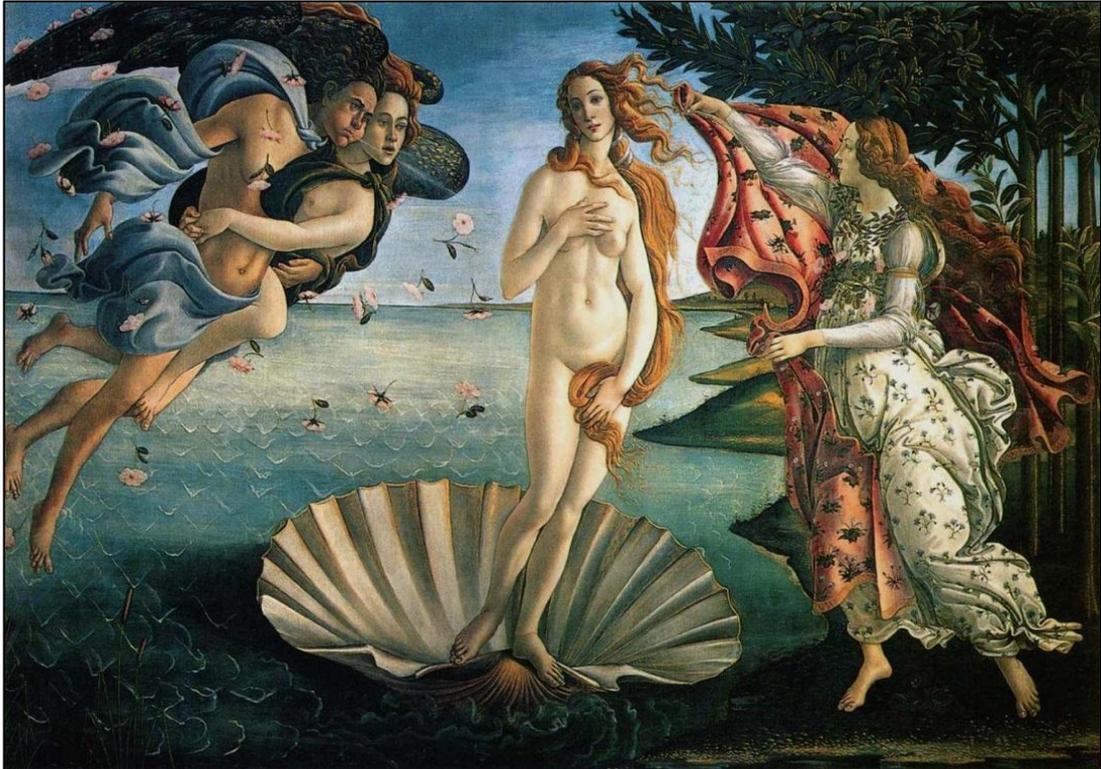
Figura 6 - Pintura de Giotto - Crucificação.



Fonte: Wikipédia, 2014.

No século XV com o Quattrocento o crescimento econômico das cidades italianas influenciou a arte renascentista através de obras de arte com novas pinturas apoiado por mecenas, ou seja, benfeitores das linguagens artísticas que apoiavam artistas que apresentassem novos valores em suas obras como um dos pintores que marcaram este período Sandro Botticelli.

Figura 7 - Sandro Botticelli – O Nascimento de Vênus.



Fonte: Wikipédia, 2014.

O período do Cinquecento no século XVI foi marcado pela crise econômica das cidades italianas que entraram em decadência devido aos novos caminhos marítimos de Portugal e Espanha para o oriente. Entretanto, significou o período de maior fortalecimento do renascimento com artistas que potencializaram a pintura e diversas linguagens da arte, como a obra de Mona Lisa do artista Leonardo da Vinci.

Figura 8 - Mona Lisa, de Leonardo da Vinci, 1503-1507 (Museu do Louvre, Paris).



Fonte: Wikipédia, 2014.

Como percebemos nos estudos anteriores, o desenvolvimento da economia das cidades italianas abriu caminho para o desenvolvimento artístico e cultural do renascimento. Para enfatizar este período de muitas mudanças na arte traz-se novamente o autor Battistoni Filho (2012, p. 63) para discutir os princípios estéticos renascentistas com ênfase na pintura:

- a) Arte como estudo de natureza (corpo humano e paisagens devem ser desenhados sem disfarce);
- b) Arte como propósito moral de melhoria social, aspirando ao ideal;
- c) Pintura e escultura são coisas do espírito, da inteligência e não vistos como artes mecânicas;
- d) Descobrimto da perspectiva científica e a elaboração das teorias matemáticas da proporção.

Percebe-se que no renascimento, paisagens e corpo procuram ser representados de forma mais real, tendo um ideal. A pintura não era vista como arte estática ou congelada, mas como fruto da inteligência do pintor com preocupações de proporção, ou seja, melhores enquadramentos dos elementos das obras de arte e perspectiva, uma obra com movimentos entre os elementos presentes.

Battistoni (2012, p. 66) traz conhecimentos essenciais sobre a pintura no renascimento que nos fazem compreender suas produções artísticas da realidade, de uma beleza idealizada pelos artistas da época:

Os pintores, de um modo geral, procuram reproduzir a realidade, submetida a uma beleza idealista. O espírito clássico, a ordem e as formas simétricas são traços marcantes dessa pintura. A própria paisagem não é mais um quadro pintado atrás dos personagens. Torna-se independente e contribui para o sentido geral. As figuras são envolvidas pela atmosfera, e a invenção do claro-escuro, por Leonardo da Vinci, parece resultar não apenas do desejo de representar melhor a realidade, mas ainda da necessidade de estabelecer a unidade e fazer com que a luz represente um papel nessa sintonia. Os pintores não procuram apenas a beleza, a verdade ideal, mas também, como arquitetos, a nobreza e a grandeza.

Para o autor, a pintura renascentista prioriza a realidade em suas obras de arte, o espírito baseado na Idade Antiga da Grécia e Roma, a organização e seus traços retos e marcantes ampliando o campo de produção artística na pintura com originalidades deste período.

A paisagem torna-se independente, contribuindo para a obra no geral. O claro e o escuro aprofundam a realidade nas pinturas dos artistas, especificando uma sintonia nesta realidade que as produções querem mostrar, diferentemente da pintura medieval. Além da verdade e da beleza os pintores queriam alcançar a grandeza, ou seja, o máximo que o artista renascentista poderia chegar.

Ao estudarmos sobre a pintura da época do renascimento será que as características eram iguais? Não tinham diferenças entre as cidades italianas? Para responder ao questionamento Battistoni (2012, p. 67) relata o surgimento de três escolas distintas adquirindo familiaridades com artistas da época:

Na pintura renascentista, podemos distinguir três grandes escolas com características próprias, facilmente perceptíveis quando se adquire alguma familiaridade com os seus artistas mais representativos. Essas escolas são: a florentina, a veneziana e a romana. A florentina cujo centro de irradiação fora a cidade de Florença, a partir sobretudo da segunda metade do século XV, caracteriza-se pelo intelectualismo, que se exprime tanto pelo predomínio da linha sobre a cor como pela sensibilidade espiritualizada do

claro-escuro. A veneziana, que se irradiou de Veneza, notabiliza-se pelo predomínio da cor sobre o desenho ou a linha. Os venezianos são luminosos coloristas. Surgem o volume e o contorno por meio de massas e cores, exprimindo-se pouco pelo desenho. Falam mais aos sentidos do que ao espírito. São sensuais, decorativos e suntuosos. A romana realiza o equilíbrio entre a linha dos florentinos e a cor dos venezianos. Em outras palavras, entre o intelectualismo florentino e o sensualismo veneziano, entre a razão e o sentimento.

Pode-se entender com a citação acima que estas três cidades italianas, que foram fundamentais para o surgimento do renascimento, tinham aspectos próprios e distintos um do outro.

A escola florentina, em Florença, caracteriza-se pelo intelectualismo, em que a linha predomina sobre a cor com a relação sensível do claro e escuro nas pinturas deste período. Na escola veneziana, em Veneza, a cor predomina sobre a linha e o desenho, dando ênfase ao contorno e ao volume com sensualidade mais voltada aos sentidos.

Já a escola romana procura equilibrar a cor dos venezianos e a linha dos florentinos utilizando os dois conhecimentos na linguagem artística da pintura, ou seja, produzir obras com a sensualidade veneziana e a intelectualidade florentina, entre o sentimento e a razão. Aplicando a escola romana, estilos próprios de pinturas.

Battistoni (2012) cita nomes de importantes pintores que representam as três escolas que marcaram o período renascentista na Itália localizado na Europa Ocidental. Sandro Botticelli pertenceu à escola florentina, Ticiano à escola veneziana, Rafael à escola romana e Michelangelo, por sua originalidade, ficou difícil de ser enquadrado em uma destas escolas.

Ao destacar vários artistas acima que marcaram a pintura do renascimento, não podemos nos esquecer de Leonardo da Vinci, que é considerado por diversos pesquisadores um estudioso de diversas áreas do conhecimento e que pertencia à escola florentina, além de pintor, era em primeiro lugar cientista:

[...] Imaginou máquinas volantes, estudou mecânica, geologia, óptica, hidráulica e muitas outras ciências. Compôs um tratado sobre anatomia em que registrou suas descobertas.

Tais pesquisas explicam a segurança com que desenhava o esqueleto e a musculatura do homem, do cavalo e diversos animais. Estudioso também da botânica, muitos de seus quadros revelam minúcias de muitas plantas desenhadas. O claro-escuro desse artista é uma consequência, ao mesmo tempo, de sua visão e de suas teorias. A perspectiva, na sua visão, é geométrica, como também aérea. Na sua natureza, ele introduz seres que

não existiriam para o homem sem a luz. Desenvolve uma técnica primorosa de esfumamento (fumato) em que procura banhar todo o quadro de uma neblina suave e evocativa, dando-lhe uma aura de mistério. Na Mona Lisa conseguiu uma harmonia espacial excepcional ao diluir as distâncias, proporcionando um sentido de profundidade admirável (BATTISTONI FILHO, 2012, p. 68).

A utilização do claro e do escuro mostra a visão do artista Leonardo da Vinci numa perspectiva geométrica e aérea, a sensação de estar mais alto ou baixo, mais perto ou longe, havendo uma sensação real das pessoas e da natureza em sua volta que reflete em suas pinturas, novos seres que aparecem devido à inserção da luz.

O desenvolvimento da técnica do esfumamento para criar sombras nas produções artísticas evocando algo mais misterioso em suas pinturas faz parte das obras marcantes deste grande artista do renascimento italiano, com admiráveis criações de profundidade, como em sua obra citada anteriormente, Mona Lisa. Para fundamentarmos mais nosso conhecimento sobre o plano e a profundidade nas pinturas do renascimento italiano em comparação com o período medieval o autor Wolfflin (1984, p. 79) traz novas abordagens:

Nada há de especial em afirmar-se que houve uma evolução da representação plana para a profundidade, pois é evidente que os meios utilizados para a expressão do volume dos corpos e da profundidade espacial se desenvolveram gradualmente. Não é nesse sentido apenas que vamos abordar os dois conceitos. O fenômeno que temos em mente é outro: de um lado, a constatação de que o século XVI – aquele período da arte que dominou perfeitamente os recursos da representação plástica do espaço – reconheceu como norma fundamental a combinação das formas no plano; de outro, o fato de este princípio da composição no plano ter sido abandonado pelo séc. XVII em favor de uma composição notadamente voltada para os efeitos de profundidade. No primeiro caso verifica-se um empenho pela representação do plano, que articula a imagem em camadas dispostas paralelamente à boca de cena; segundo, a tendência a subtrair os planos aos olhos, a desvalorizá-los e torná-los insignificantes, na medida em que são enfatizadas as relações entre os elementos que se dispõem à frente e os que se encontram atrás, e o observador se vê obrigado a penetrar até o fundo do quadro.

As considerações dos elementos da profundidade que levanta Wolfflin (1984) destacam que ela foi ampliando sua presença nas obras de arte ao longo dos tempos, algo não explorado pelas produções artísticas da Idade Média e que começa a mudar com o estilo gótico no fim do período medieval, ganhando intensidade com as diversas pinturas de vários artistas do renascimento.

Ao estudar-se os três períodos históricos do renascimento Trecento, Quattrocento e Cinquecento percebemos uma transição que permitiu aos artistas deixarem a ênfase exclusiva na espiritualidade vinculada às pinturas para Deus, para um novo período que desde o estilo gótico vislumbrou novas concepções artísticas focadas no homem e natureza.

Com o renascimento novos artistas vão surgir e passar a retratar elementos ancorados na época antiga de Grécia e Roma, mas sendo originais em diversas linguagens artísticas. Passa a existir no renascimento a preocupação com a qualidade da obra, com a habilidade do artista e com a busca de novas técnicas para atingir a perfeição.

Para compreender-se e obter mais conhecimentos sobre a pintura do renascimento trago novamente Proença (2012, p. 96) que discute a interpretação científica, as três conquistas da pintura no período renascentista e o estilo pessoal do artista:

No final da Idade Média e no Renascimento, predomina a tendência a uma interpretação científica no mundo. O resultado disso nas artes plásticas, e sobretudo na pintura, são os estudos da perspectiva segundo os princípios da matemática e da geometria. O uso da perspectiva conduziu a outro recurso, o claro-escuro, que consiste em representar, na pintura, algumas áreas iluminadas e outras na sombra. Esse jogo de contrastes reforça a sugestão de volume dos corpos. A combinação da perspectiva e do claro-escuro contribuiu para o maior realismo das pinturas. Assim, a pintura do Renascimento confirma essas três conquistas, que os artistas do último período gótico já haviam alcançado: a perspectiva, o uso do claro-escuro e o realismo. Outra característica da arte do Renascimento, em especial da pintura, foi o surgimento de um estilo pessoal. A partir desta época, confirma-se a existência do artista como o conceituamos hoje: um criador individual e autônomo, que expressa em suas obras seus sentimentos e ideias; alguém, enfim, que cria de acordo com a própria concepção. Em decorrência disso, no Renascimento são inúmeros os nomes de artistas que se fizeram conhecidos, cada um com características próprias [...].

Proença traz estudos essenciais para o entendimento sobre a pintura e suas temáticas artísticas no renascimento. Como podemos entender anteriormente, na Idade Média a interpretação era basicamente religiosa e espiritual, já no renascimento surge uma interpretação mais científica dos elementos criados na arte com o fortalecimento da perspectiva, procurando criar distâncias dentro de uma pintura de forma plana e com melhores enquadramentos e medidas exatas.

A autora também destaca o uso do claro e escuro como instrumento para evidenciar o volume, criando áreas mais claras e outras mais escuras, ampliando a

realidade das produções de pinturas nesta época. Ela vislumbra as conquistas que marcaram o renascimento com o realismo, claro-escuro e perspectiva para atender aos anseios dos novos artistas nas pinturas. Ao contrário da Idade Média, em que não importava o artista que criava a obra, quando dificilmente alguém assinava as obras de artes criadas.

Com o renascimento, segundo Proença, o estilo pessoal e a habilidade do artista passam a ser valorizados. Ele passa a assinar a obra e a individualidade ganha força em detrimento do coletivo medieval, ou seja, o artista renascentista tem liberdade para pintar de acordo com seu gosto e sentimentos. Houve grande crescimento de novos artistas com características muitas vezes distintas.

Outras contribuições de Proença (2012, p. 96) sobre o primeiro pintor que procurou imitar o real e as mudanças na concepção de vida do ser humano aprofundam ainda mais nossa compreensão acerca do período italiano renascentista:

Segundo Giorgio Vasari (1511-1574), crítico e historiador de arte, Masaccio (1401-1428) foi o primeiro pintor do século XV a conceber a pintura como imitação do real, como reprodução das coisas tal como são. Seu realismo é tão cuidadoso que ele parece ter a intenção de convencer o observador que a cena retratada é real [...]. O artista do Renascimento não vê mais o ser humano como simples observador do mundo que expressa a grandeza de Deus, mas como expressão mais grandiosa do próprio Deus. O mundo é pensado como uma realidade a ser compreendida cientificamente, e não apenas admirada.

No renascimento existia a preocupação em retratar o real nas obras de arte, sendo que desde o fim do período medieval, com o estilo gótico, isto já se evidenciava, o que acabou aprofundando-se com o movimento renascentista na Itália. Um realismo com grande preocupação com os detalhes, ou seja, retratar o máximo possível a natureza, o homem ou qualquer tema trabalhado.

Proença ressalta que através da arte percebemos o quanto a concepção do ser humano e de Deus mudou no século XV, a pintura vislumbra acontecimentos fundamentais para a compreensão sobre o período medieval e renascentista e que se fazem necessárias discussões mais aprofundadas destes temas com os estudantes, pois a história da arte é o caminho para a compreensão da trajetória das diversas linguagens artísticas existentes.

O artista do renascimento, de acordo com a autora, não se coloca como mero espectador da grandeza divina no mundo, mas como expressão grandiosa do

próprio Deus. O artista deste período procura compreender a realidade cientificamente e não apenas apreciá-la, ou seja, o homem não passa a desacreditar em Deus, mas utiliza a ciência para explicar certas coisas que não se explicava pelo viés religioso, o que fica claro nas produções artísticas.

As obras de arte procuram, através do plano, criar elementos artísticos que permitem ao observador apreciar o fundo da pintura, percebendo distâncias entre as produções no primeiro plano e no segundo plano enfatizando o movimento que são contemplados com a profundidade das obras de arte do renascimento.

Após os estudos sobre profundidade trago a autora Castelli (2006, p. 47) que coloca outros elementos relevantes sobre a proporção nas pinturas do renascimento e como era no período anterior:

[...] Perto desta tradição bíblica, os homens da Idade Média tinham-se limitado a considerar a teoria das proporções como um expediente técnico, mas no Renascimento atribui-se à proporção outro significado, acrescentando à teoria prática um significado metafísico [...]. A teoria das proporções usufruiu certamente de grande apreço entre os séculos XV e XVI porque se prestou não só a um rígido enquadramento matemático, mas também a especulações filosóficas [...]. Através da proporção é construído sempre aparentemente mensurável não apenas em altura e largura, mas também em profundidade [...].

Face às questões abordadas acima, ao contrário da pintura na Idade Média, em que a proporção era algo meramente técnico, no renascimento italiano, as proporções têm um significado teórico prático que vai à essência de suas atribuições enquanto criação artística.

A partir dos séculos XV e XVI Castelli relata que as obras renascentistas não se ativeram a enquadramentos exatos da matemática, mas deram lugar a especulações da filosofia, ampliando as múltiplas possibilidades de criação artística, valorizando não somente a largura e a altura, mas a profundidade.

Ao longo desta pesquisa procurei utilizar diversas obras de autores de arte e história que discutem e analisam as transformações das temáticas artísticas entre a Idade Média e Renascimento no ocidente europeu por volta dos séculos V ao XVI.

6 A RELEVÂNCIA DA HISTÓRIA DA ARTE PARA A EDUCAÇÃO

Ao pesquisar sobre as temáticas artísticas ao longo da Idade Média e Renascimento na Europa Ocidental destaco a importância que a história da arte e sua atuação no campo educacional têm nos dias de hoje nas escolas. Não podemos negligenciar o ensino de história da arte, mas inseri-la em nosso trabalho como professores de artes graduados que seremos.

A partir deste momento debateremos a importância do estudo da história da arte inserindo-se na cultura em sua plenitude e amplitude. Para isto recorro a pesquisa de Giulio Carlo Argan do Guia de História da Arte que exemplifica a função do estudo em história da arte:

A história da arte tem, pois, a função de estudar a arte não como um reflexo, mas como agente da história: ela é, portanto, uma história especial (como a história da filosofia ou da economia ou da ciência), que opera num campo próprio e tem metodologias próprias, mas, como todas as histórias especiais, desemboca e enquadra-se na história geral da cultura, explicando como será a cultura abordada e construída pela arte (ARGAN, 1994, p. 18).

Como bem coloca Argan (1994), a arte deve ser estudada como um agente protagonista da história, não como linha auxiliar, que tem metodologias e campo próprio de atuação. Mas, como toda história considerada especial, está alçada na história da cultura geral e especificando como será construída e abordada pela arte.

Comungo das mesmas ideias de Argan (1994), esta pesquisa teve desde o início a preocupação de colocar a história das temáticas artísticas como centro das discussões. Ao longo da pesquisa inseri questões de mudanças que as produções artísticas passaram ao longo dos dois períodos e que servem de base para a arte medieval e renascentista dentro de um contexto histórico.

Outros destaques de Argan (1994) é sua escrita em relação à periodização e à localização. O autor destaca a preferência da historiografia moderna e as delimitações existentes de um período para o outro quando ocorre uma mudança razoável entre períodos históricos:

A historiografia moderna da arte prefere o critério problemático ao critério monográfico. Toda a investigação histórica delimita um campo próprio, isto é, caracteriza e analisa grupos e fenômenos que, estando ligados entre si,

formam um sistema de relações, um período. O início de um período é geralmente assinalado por uma mudança mais ou menos profunda em relação ao precedente: cada período pode incluir-se, com outros, num período vasto. A primeira determinação de um período histórico foi fixada por Vasari, que reconheceu uma concatenação entre a obra de personalidades artísticas diferenciadas que se sucederam em Itália desde a grande mutação que teve lugar no século XIII (o afastamento da “maneira” bizantina) até ao meio do século XVI, ao “vértice” de Miguel Ângelo. A historiografia moderna ultrapassou, naturalmente, o esquema de periodização de Vasari [...] (ARGAN, 1994, p. 31).

Vale ressaltar que ao estudar temáticas artísticas como a pintura na Idade Média, trabalha-se com um período de vários séculos, dividido entre alta e baixa idade média, provocando o surgimento de novos estilos e contribuindo para o renascimento. Foi no período estudado nesta pesquisa que Vasari delimitou-o como dois períodos históricos distintos em que as transformações na arte contribuíram decisivamente para este acontecimento.

Outras abordagens importantes e que podemos citar são os fundamentos teóricos do ensino da História da Arte e suas definições. No ensino de arte nas escolas o professor deve abordar em suas aulas, de forma crítica e reflexiva, as transformações artísticas e o desenvolvimento das linguagens como a pintura. Nosso compromisso com a educação é levar ao estudante, de forma clara e dinâmica, os conhecimentos essenciais da história da arte para a vida do educando. Mas como poderemos definir a história da arte? O que ela compõe? Questões como estas nos fazem refletir e vislumbrar respostas face a estes questionamentos. Para ampliar o debate, busco o trabalho de Ana Mae Barbosa, ‘Arte/Educação Contemporâneas Consonâncias Internacionais’, o qual reúne diversos autores (as) que pesquisam o tema.

O ensino da história da arte é embasado por fundamentos teóricos. Se estamos falando de história da arte, talvez devêssemos definir o que é história da arte. Como você define a história da arte? Você acha que a história da arte é composta de fatos? Acha que as obras de arte são fatos? Você inclui a história de artistas em suas aulas, ou concentra-se apenas nas obras de arte? A crítica de arte faz parte da história da arte? Será que a avaliação de obras de arte faz parte da história da arte? Ou será que esta palavra é mal vista? Algumas pessoas acham que a avaliação de obras de arte não é digna da história da arte. Você posiciona as obras de arte num contexto? Qual contexto? Essas perguntas são fáceis, mas suas respostas são difíceis. Nem os historiadores de arte podem responder a estas perguntas (BARBOSA apud SMITH, 2005, p. 53).

Pode-se compreender que a autora destaca o embasamento dos fundamentos teóricos do ensino da história da arte e a complexidade de defini-la, mas ao mesmo tempo aponta várias alternativas em seus questionamentos que podem ser utilizados em sala de aula.

Os acadêmicos graduados em Artes Visuais licenciatura, tem disciplinas que compõe a grade curricular que contribuem na formação como profissional capacitado a encarar o desafio de colocar a história da arte mais presente aos educandos. Afinal além de terem disciplinas de história da arte desde a pré-história a contemporaneidade a Matriz Curricular de Artes Visuais segundo o site da Unesc está ligado às Diretrizes Curriculares Nacionais ao trabalhar com a perspectiva de refletir prática e teoria, ou seja, o professor tem formação acadêmica para tal e precisa buscar trabalhar sob estas duas possibilidades, ou seja, é sua obrigação.

Acredita-se que o ensino da arte nas escolas não possui uma receita pronta como exalta a autora acima, mas diversos meios de levar o conhecimento através da educação escolar, ou seja, a disciplina de artes tem o compromisso de trabalhar melhor, com mais frequência e de modo mais acessível a história da arte, buscar novos meios, instrumentos e estratégias de ensino despertando no estudante o gosto por esta aprendizagem teórica artística.

O Ensino Fundamental e o Ensino Médio têm o compromisso de trabalhar a história da arte ao longo dos períodos históricos e suas múltiplas linguagens. Valorizar a história da arte proporcionará mais objetos de estudo em futuras pesquisas acadêmicas sobre o tema pesquisado, possibilitando novos elementos para uma história da arte verdadeiramente mais presente na educação básica.

6.1 PROJETO DE EXTENSÃO

Título: Arte na Idade Média e Renascimento na Europa Ocidental.

Ementa: Apreciação Estética de produções artísticas da Idade Média e Renascimento na Europa Ocidental. Análise dos elementos artísticos que diferenciam as obras de arte destes dois períodos históricos. Intervenções e novas abordagens da arte a partir das obras do período medieval e moderno.

Público-alvo: Estudantes do Ensino Médio (1º ano)

Carga Horária: 08 horas em 04 encontros de 2 horas

Justificativa:

A partir da pesquisa que realizei sobre a arte da pintura entre os períodos da Idade Média e renascimento na Europa Ocidental venho propor um projeto de extensão baseado na apreciação estética de produções artísticas aos estudantes do 1º ano do Ensino Médio.

Sabemos o quanto a imagem é importante nas aulas de arte, uma vez que ela está cada vez mais presente no dia a dia dos estudantes e a escola não pode se furtar a trabalhar a criticidade dos educandos através de imagens de artistas que, muitas vezes, nos fazem problematizar discussões levantadas na obra e conhecer determinadas realidades destacadas pelo autor da obra.

[...] a leitura dessas imagens é um meio para a conscientização de que somos os destinatários de mensagens que pretendem impor valores, ideias e comportamentos que não escolhemos.

Quando à imagem da arte, é desnecessário falar da importância e do papel que ela vem assumindo no ensino contemporâneo. Após décadas de ausência da escola, a imagem retorna para ocupar lugar central nas aulas de arte. Já é consenso a ideia de que todo aluno deve ter a oportunidade de interpretar os símbolos da arte, pois a dimensão estética é constitutiva do potencial humano (ROSSI, 2009, p. 09).

De acordo com as considerações de Rossi acerca do papel que a imagem vem ganhando na escola é preciso oportunizar ao estudante o conhecimento de novas produções artísticas, pois através da apreciação estética torna-se plausível ao educando interpretar símbolos artísticos, potencializando o potencial humano e criando múltiplas estratégias de ensino.

Baseado nos outros destaques de Rossi em seu trabalho, cabe enfatizar os Parâmetros Curriculares Nacionais de arte em que a apreciação estética torna-se fundamentalmente parte da disciplina de arte:

No entanto, muitos anos se passaram para que a imagem ocupasse um lugar de importância no ensino das artes visuais. Com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/96 e com a divulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em arte, os professores deparam-se com um enfoque coincidente com as discussões atuais. Hoje, essa disciplina é considerada como um conhecimento que envolve: “a experiência do fazer formas artísticas, [...] a experiência de fruir formas artísticas e [...] a

experiência de refletir sobre a arte como objeto de conhecimento” (PCN, 1997, p. 43).

Em outras palavras, “a apreciação estética é constitutiva da disciplina arte.” (ROSSI, 2009, p. 16)

Rossi (2009) busca em sua obra dar enfoque à apreciação estética como parte da disciplina de arte, ou seja, os professores devem trabalhá-la como mais uma possibilidade de reflexão, problematização e conhecimento de novos elementos que artistas trazem ao longo da história, tanto em obras de arte antigas quanto nas atuais, ampliando o repertório em arte do estudante na escola. Inclusive a apreciação estética abre caminho para o fazer, o fruir, ou seja, nos proporciona possibilidades concretas para o trabalho na escola com arte.

Objetivo Geral:

Ampliar o repertório artístico dos estudantes através da apreciação estética e do conhecimento das diversas obras de arte do período da Idade Média e Renascimento na Europa Ocidental.

Objetivos Específicos:

- ❖ Conhecer obras de arte do período medieval e moderno;
- ❖ Apreciar as produções artísticas criadas na Idade Média e Renascimento;
- ❖ Analisar os diferentes elementos artísticos presentes entre estes dois períodos históricos, Idade Média e renascimento;
- ❖ Destacar as diferenças na produção de arte dos artistas tanto da Idade Média quanto do renascimento;
- ❖ Ampliar o repertório artístico do estudante com as obras de arte da Idade Média e renascimento.

Metodologia:

1º encontro - Neste primeiro encontro farei aula expositiva contextualizando questões históricas e artísticas da Idade Média e Renascimento fazendo com que os

estudantes percebam mudanças que ocorreram na arte com debates e questionamentos no final do encontro, apresentando a eles o início do trabalho.

2º encontro - Proporcionarei aos estudantes dez obras de arte, cinco de Idade Média e cinco do renascimento para todos apreciarem. Após a apreciação, todos terão que anotar, em duplas, dez diferenças na arte presentes entre os dois períodos históricos. Depois das anotações, cada dupla vai se expressar sobre o que anotou apontando as diferenças. No final da aula aprofundaremos discussões sobre elementos artísticos que aparecem nestas duas épocas compreendendo certas peculiaridades artísticas e históricas.

3º encontro - Dividirei estudantes em grupos de quatro pessoas. Cada grupo terá que realizar uma obra de arte a partir deles mesmos, ou seja, eles serão a obra de arte. Farei um sorteio para dividir qual grupo fará a obra sobre Idade Média e qual fará a obra do Renascimento, depois os grupos se reunirão para discutir o que criar. Com base nos estudos iniciais sobre estes períodos, eles terão que combinar roupas, objetos, maquiagens e todos os elementos artísticos que uma obra de arte de cada período tem, retratando ao máximo a realidade da época, podendo criar outras formas de representar a obra, mas não poderão criar as obras de arte apreciadas em aulas anteriores.

4º encontro - Neste último encontro os grupos terão um tempo para se arrumarem, preparar objetos, cenário para criarem a obra e apresentarem suas produções artísticas a partir deles próprios. Os primeiros grupos serão os estudantes das obras de arte da Idade Média e, posteriormente, as obras de arte do renascimento. Na parte final da aula pedirei para cada dupla opinar sobre as criações dos colegas e as suas. Finalizaremos a aula realizando estas discussões sobre as diferenças artísticas entre estes dois períodos históricos e o quanto a arte e a história caminham juntas e contribuem para ampliar o conhecimento de todos.

Tabela 01 – Cronograma dos Encontros.

Encontros	Horário	Carga Horária	Proposições
1º	19h às 21h	2 horas	Aula expositiva sobre contexto histórico e artístico da Idade Média e Renascimento.
2º	19h às 21h	2 horas	Apreciação estética das obras destes períodos históricos. Anotar elementos de cada época para que todos os estudantes possam se expressar e elencar diferenças nas produções presentes em sala.
3º	19h às 21h	2 horas	Dividir a sala em grupos com quatro estudantes para criarem, depois do sorteio, uma obra de arte da Idade Média ou Renascimento a partir deles próprios.
4º	19h às 21h	2 horas	Os grupos terão tempo para se arrumarem, preparar objetos e sala para apresentarem suas criações de arte e debater no fim da aula sobre as experiências realizadas em sala de aula.

Fonte: Do autor, 2014.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa sobre as transformações da pintura entre Idade Média e Renascimento na Europa Ocidental pode ser de fundamental importância para o curso de Artes Visuais, para a compreensão de que a arte é viva, dinâmica, política, humana e relevante para o conhecimento dos estudantes.

Ao longo das diversas leituras e pesquisas de autores e autoras que discutem a linguagem artística da pintura aprendi muito sobre a história das diversas linguagens da arte. Esta pesquisa teve o compromisso de aprofundar estudos sobre as temáticas artísticas em períodos históricos que marcaram época pelas transformações entre os séculos V e XVI na Europa Ocidental. Meu desafio desde o princípio foi dar ênfase às transformações da arte entre a Idade Média e renascimento dentro do foco do Trabalho de Conclusão de Curso e não propriamente a história em si.

No primeiro momento a contextualização foi essencial através do registro histórico e artístico para situar o leitor sobre o local e os acontecimentos que marcaram época. Fiz a discussão das temáticas da arte na Idade Média, sua criação artística e como as pessoas da época valorizavam a obra e a presença da Igreja Católica na condução artística.

Para finalizar este trabalho pesquisei a arte com o surgimento do renascimento com diversos pintores e novas concepções de artes com mais realidade, perspectiva, movimento e natureza, sendo que o homem passou a ser o centro das atenções. Afinal o problema desta pesquisa era o seguinte: quais as principais características que podemos identificar em suas temáticas artísticas no que se refere ao ocidente europeu entre a Idade Média e Renascimento?

Acredito que ao longo dos estudos a resposta para o problema foi alcançada à medida que foram mostradas as características, transformações e diferenças, especialmente no que se refere às suas temáticas.

Para finalizar a pesquisa mostramos a importância da história da arte, do ensino da história da arte na escola e sua relevância para a educação. Elaborei a proposta de curso para o trabalho nas escolas sobre as temáticas artísticas na Idade Média e renascimento com apreciação estética e intervenções na arte para aprofundar o interesse e conhecimento dos estudantes acerca desta temática.

REFERÊNCIAS

ARGAN, Giulio Carlo; FAGIOLO, Mauricio. **Guia de História da Arte**. Lisboa: Estampa, 1994.

BARBOSA, Ana Mae (Org.) In: Annie Smith. **Arte/Educação Contemporânea Consonâncias Internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005.

BARRETO, Alexandre. **O simbolismo na arte cristã do período bizantino**. TCC Curso Artes Visuais, Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma/ junho de 2009.

BATTISTONI FILHO, Duílio. **Pequena História da Arte**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2012.

BERLINGHIERI, Bonaventura. **São Francisco de Assis**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Idade_M%C3%A9dia>. Acesso em: 04 nov. 2014.

BROCVIELLE, Vicent. **Petit Larousse da História da Arte**. São Paulo: Lafonte, 2012.

CAMPELLO, Bianca. **A arte durante a idade média: os estilos românico e gótico**. Sd.

CAPPELLARI, Márcia Schmitt Veronezi. **A Arte da Idade Média como construtora de um conceito visual de mal**. Disponível em: <http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2011_01_11.pdf>. Acesso em: 10 out. 2014

CASTELLI. **A estética do renascimento**. Lisboa: Estampa, 2006.

ECO, Umberto. **Arte e beleza na estética medieval**. Lisboa: Presença, 1989.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMBRICH E. H. **A norma e forma**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

MARISTA. **Arte durante a Idade Média**. Disponível em: <<http://marista.edu.br/saoluis/files/2010/02/A-ARTE-DURANTE-A-IDADE-M%C3%89DIA1.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2014.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses**. São Paulo: Pioneira, 1997.

PELEGRINI, Marco. **Vontade de Saber História**. Editora FTD. Nacional. 2012.

PROENÇA, Graça. **História da Arte**. São Paulo: Ática, 2012.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que falam leitura da arte na escola**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

STEPHEN, Farthing. **Tudo sobre Arte**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 2005.

VINCI, Leonardo da. **Mona Lisa**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Arte_da_It%C3%A1lia#A_arte_medieval>. Acesso em: 04 nov. 2014.

WACKERNAGEL. **Renascimento e barroco I**. Lisboa: Verbo, 1969.

WOLFFLIN, Heirich. **Conceitos Fundamentais da História da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

UNESC. Universidade do Extremo Sul Catarinense. **Matriz Curricular do Curso de Artes Visuais**. Disponível em: <<http://www.unesc.net/portal/capa/index/42>>. Acesso em: 30 out. 2014.

WIKIPÉDIA. **Figuras, 2014**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/>>. Acesso em: dia mês ano.